



Escutar

UM PONTO DE ENCONTRO

ESCUTAR:

UM PONTO DE ENCONTRO

CENPEC
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO,
CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA

Maria Alice Setubal

Direção

Og Roberto Dória

Coordenação Geral

Zita Porto Pimentel

Coordenação de Projetos

2ª edição: 2006

Maria Alice Setubal

Diretora Presidente

Maria do Carmo Brant de Carvalho

Coordenação Geral

Maria Angela Leal Rudge

Vanda Noventa

Colaboração Especial

AC&R Artes

Capa

ESCUTAR:

UM PONTO DE ENCONTRO

INICIATIVA



REALIZAÇÃO



Autoria

Cenpec

Regina Maria Hubner

Andréa Bueno Buoro

Márcia Padilha Lotito

Maurício Érnica

Tiago Corbisier Matheus

Litteris

Egon Rangel

Neide de Almeida

Yanina Otsuka Stasevskas

Assessoria

Lúcia Dellagnelo

Colaboração

Alexandre Hubner Marques

Du Ribeiro

Lúcia Helena Menezes Negri Nilson

Edição de Texto

Alexandre Hubner Marques

Edição de Arte

Ateliê Querosene

Ilustrações

Jovens participantes das oficinas

Fotos

Du Ribeiro e jovens participantes das oficinas

Iniciativa

Fundação Itaú Social

Realização

CENPEC

R. Dante Carraro, 68 Pinheiros

05422-060 São Paulo SP

info@cenpec.org.br

www.cenpec.org.br

COLEÇÃO JOVENS E ESCOLA PÚBLICA

VOLUME 1

ESCUTAR: UM PONTO DE ENCONTRO

VOLUME 2

OLHAR: HISTÓRIAS DE LUGARES E VÍNCULOS

VOLUME 3

PERTENCER: SUBJETIVIDADE, SOCIALIZAÇÃO E SABER

C389E

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
Escutar: um ponto de encontro / Centro de Estudos e Pesquisas em
Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo :
CENPEC, 2006. 3 ed. 3 v. il. (Coleção Jovens e Escola Pública)

ISBN 85-85786-05-1

Conteúdo. v.1 - Escutar: um ponto de encontro; v.2 - Olhar histórias de
lugares e vínculos; v.3 - Pertencer subjetividade, socialização e saber
1. Ensino de 1º Grau - Brasil. 2. Escolas Públicas. 3. Juventude.
4. Socialização. 5. Cidadania. I. Título II. CENPEC. III. Série

CDU 37061(81)

São Paulo, 2006

Tiragem: 2.000 exemplares



Prefácio à segunda edição

Essa 2ª edição da Coleção Jovens e Escola Pública chega praticamente dez anos após o início da pesquisa que a originou. Nesse período, foi divulgada e discutida em fóruns os mais diferentes, chegando a ser reimpressa mais de uma vez. Passado tanto tempo, acreditamos que um breve comentário sobre o contexto em que essa publicação surgiu pode ser um bom meio de atualizar suas idéias centrais.

Em 1997 participamos de uma equipe multidisciplinar para pesquisar as relações entre jovens populares paulistanos e a escola pública. Tínhamos em mente resultados de uma pesquisa realizada pelo Cenpec em parceria com a Fundação Carlos Chagas, na qual um professor se queixava dos jovens, para quem a escola havia se reduzido a um ponto de encontro.

O comentário nos intrigou. Sobretudo, porque nele ressoavam as vozes de outros educadores que escutávamos em ocasiões as mais diversas, como oficinas de capacitação, conversas informais, etc. Mas o que teriam os jovens a dizer a esse respeito?

Para estudar o universo das relações dos jovens com a escola pública, decidimos abordar três dimensões: a subjetividade, a socialização e as relações com o saber. O que pensavam sobre si próprios? O que pensavam sobre o meio social onde viviam e no qual haviam se formado? Quais os saberes que julgavam necessários para viver? Os resultados dessa investigação encontram-se nos três volumes da coleção.

De tudo o que os jovens nos disseram, escreveram e mostraram, o dado que mais chamou a nossa atenção foi a demanda por um meio social em que fossem percebidos, reconhecidos e valorizados do modo como são, com suas ambigüidades, dúvidas, certezas, desejos, valores e projetos. Interpretamos os dados ofertados pelos jovens como um grande chamado para que a escola fosse um ambiente acolhedor, um ambiente de escuta. Em uma palavra, os jovens nos diziam que queriam pertencer ao mundo escolar.

Procuramos coletar dados por meio de atividades acompanhadas de materiais não verbais, que resultaram num texto. Foi surpreendente ouvir o que os jovens diziam ter aprendido durante as oficinas, que a participação em nossas atividades teve um sentido pedagógico.

Conforme íamos lendo e analisando suas falas, fortaleceu-se em nós a constatação de que

os jovens queriam pertencer à escola. Efetivamente, para eles a escola era um ponto de encontro. Mas não interpretamos isso de modo negativo. Ao contrário, nos pareceu que essa demanda carregava em si uma oportunidade preciosa de trazermos os jovens e seu universo para o ambiente escolar e para as práticas educativas em sentido estrito.

No curso das discussões sobre os resultados da pesquisa, ficamos com a convicção de que uma das condições para esse encontro acontecer era que a escola escutasse os jovens. Ou seja, seria preciso um movimento intelectual e afetivo em direção aos jovens que visasse reconhecer o seu modo de agir, pensar, sentir e se relacionar. Mais ainda, um movimento que permitisse a expressão de seu modo de vida no dia-a-dia escolar. Foi essa a chave pela qual apresentamos e debatemos os livros da coleção.

Acreditamos que os resultados a que chegamos continuam relevantes. Entretanto, passados quase dez anos, o cenário mudou. Outras pesquisas e intervenções surgiram engrossando esse coro. Hoje, a Coleção Jovens e Escola Pública passou a fazer parte de uma voz coletiva nos debates sobre educação, apesar das divergências no interior desse grupo.

Por conta da passagem dos anos e das mudanças nos debates sobre escola pública e juventude, sentimos a necessidade de fazer um adendo às nossas idéias.

Nas oficinas de divulgação e discussão desses livros, muitos professores nos diziam que era preciso haver mudanças estruturais nas suas condições de trabalho, para que novas práticas educacionais pudessem se desenvolver e se consolidar. Nós legitimávamos essa reivindicação. Entretanto, sempre evitamos, e continuamos a evitar, a armadilha embutida na espera por mudanças estruturais para que se comece a busca por novos e melhores caminhos. Procuramos sempre explorar as possibilidades que existem no agir dos professores. Ora, o apelo dos jovens por escuta e pertencimento nos parecia, e continua a nos parecer, extremamente premente de boas possibilidades para a renovação do ambiente escolar.

Não obstante, nossa experiência nesses dez anos nos leva a ressaltar que, ao assumirmos o desafio de evidenciar a voz dos jovens e de explorar os caminhos possíveis no agir dos professores, podemos e devemos acentuar o apelo dos professores por mudanças estruturais em suas condições de trabalho. Essa é uma demanda compatível com o que defendemos nesses anos todos, pois sem essas mudanças, as possibilidades que se desenham no agir do professor e nas suas interações diretas com os jovens não chegam a se consolidar, frustrando iniciativas renovadoras.

Nas palavras e imagens daqueles jovens em 1997 ecoam as vozes dos jovens de hoje. Nesse coro do qual participamos, levantam-se novas e antigas demandas não atendidas. É prudente tomá-las com toda a atenção, enfatizando-se aquelas que vêm dos professores. Também eles pedem por pertencimento, escuta e melhores condições de trabalho.

Com a reedição desses volumes, esperamos continuar a colaborar para a consolidação da escola pública como um ponto de encontro.

Os autores



Apresentação

O Cenpec realiza diversas atividades na área de educação, desde a produção de materiais de suporte às atividades educacionais até a assessoria a Secretarias de Educação municipais e estaduais, além da cooperação com instituições não-governamentais ligadas a essa área. Em todas elas tem como preocupação associar os esforços destinados à valorização e fortalecimento do ensino público com a construção da cidadania.

Em vários de nossos trabalhos temos indicado que para melhorar a qualidade de ensino não basta apenas aprimorar as técnicas pedagógicas. É preciso também transformar as relações que se estabelecem entre os diversos membros da comunidade escolar, tornando-as mais significativas e enriquecedoras para todos, possibilitando que professores, funcionários, direção, alunos e pais se apropriem efetivamente da escola e ocupem seu espaço, fazendo dela uma instituição que responda a suas necessidades e interesses.

Acreditamos que a escola deveria ser o lugar onde crianças e jovens se dessem conta do que significa atuar em um

espaço “público”, ou seja, um espaço onde as pessoas dialogam umas com as outras, constroem relações de confiança e solidariedade, convivem com diferentes modos de ser e com a diversidade de opiniões e interesses.

Ora, para que a escola se configure como um espaço realmente “público” é preciso, antes de mais nada, que o conhecimento seja abordado de maneira a responder à necessidade que estas crianças e jovens têm de se comunicar com os outros e com o mundo a sua volta. É preciso que eles possam utilizar o conhecimento, transformando-o em um instrumento que lhes possibilite compreender o mundo e dar sentido a suas experiências de vida. O fato, entretanto, é que a escola pública brasileira se apresenta hoje muito mais como espaço de desalento e desesperança do que como espaço público. Basta atentar para a frequência e a intensidade cada vez maiores com que nos deparamos com o problema da falta de interesse dos alunos, o uso de drogas, as atitudes violentas.

Na verdade, esta é uma situação que afeta de maneira particularmente aguda os alunos jovens, isto é, aqueles que começam a entrar na vida adulta, o que se reflete nos altos índices de evasão e repetência presentes nas séries finais do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Para estes alunos o exercício da cidadania (ou os obstáculos a este exercício) se transforma em dilema muito concreto, marcando de maneira profunda o seu cotidiano. Na escola, o diálogo com professores, funcionários e direção torna-se difícil, o processo de ensino/aprendizagem parece cada vez mais distante de suas preocupações e necessidades. Fora da escola, eles muitas vezes se vêem às voltas com a necessidade de trabalhar, a

fim de contribuir para o orçamento familiar e isso os coloca em contato direto com a realidade de exclusão e injustiça social que caracteriza a sociedade brasileira.

Foi pensando nestas questões que o Cenpec decidiu realizar, durante o ano de 1997, a pesquisa "Jovens, subjetividade, saber e socialização". Nosso objetivo era conhecer melhor a distância que se estabelece entre o tipo de jovem que a escola pública supõe ser seu aluno e o jovem que de fato está lá. Nossas perguntas eram: Quais são os valores e ideais desses jovens? Quais suas expectativas de futuro? Quais são suas referências, seus sistemas de apoio? Quais são os espaços de lazer, convivência social e participação que eles freqüentam? Sabemos também da existência de determinados saberes na vida desse jovem que a escola não costuma levar em consideração. Daí nossa indagação sobre que tipo de saberes o jovem privilegia.

Existem guias e manuais que indicam aos educadores vários caminhos e alternativas para o trabalho com esta faixa etária. Há também trabalhos que procuram discutir os problemas da escola pública e fornecem orientações para a equipe escolar sobre como enfrentá-los. No entanto, acreditamos que, se a escola pretende realmente contribuir para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento das habilidades cognitivas destes jovens, é preciso, antes de mais nada, que ela se abra para o diálogo com eles.

Este é o sentido desta publicação: oferecer indicações e subsídios para trabalhos a serem realizados com jovens tanto dentro como fora da escola. Ela é resultado da reflexão que o Cenpec vem desenvolvendo em torno das atividades promovi-

das no âmbito da pesquisa “Jovens, subjetividade, saber e socialização”. Em função da amplitude dos temas abordados, optamos por dividi-la em três volumes. No primeiro volume, procuramos detalhar o método por nós utilizado para a criação de um espaço de interlocução com o jovem. No segundo volume, exploramos as potencialidades do uso da imagem e do “olhar” como uma maneira de trabalhar os diversos pontos de vista que o jovem tem a respeito de si mesmo e do mundo. Por fim, no terceiro volume, apresentamos uma reflexão sobre os temas abordados na pesquisa, com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão do universo dos jovens que freqüentam a escola pública.



*Este trabalho contou com o apoio financeiro da **Fundação Itaú Social**, sem o qual sua realização não teria sido possível.*

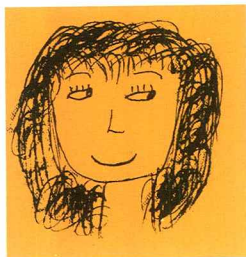


Gostaríamos também de agradecer a disposição dos jovens em participar de nossa pesquisa. O contato com eles foi intenso e gratificante. Na figura de cada um, na singularidade de suas histórias, marcadas por encontros e desencontros, pudemos tomar contato com um pouco da realidade da juventude no Brasil. Além disso, contamos com a colaboração dos zeladores e inspetores de alunos das escolas, que nos acolheram e nos acompanharam nas oficinas que realizamos durante os finais de semana. Coordenadores, diretores e professores das escolas também apoiaram o trabalho, interessados e preocupa-

dos que estão em melhorar a qualidade da escola pública. A Secretaria de Educação de São Paulo autorizou a pesquisa e as Delegacias de Ensino facilitaram nosso acesso a dados importantes. Mais ainda, o Centro Educacional Don Orione e a Associação ACOMA contribuíram com informações e discussões valiosas, cedendo também seus espaços para alguns dos encontros com os jovens.



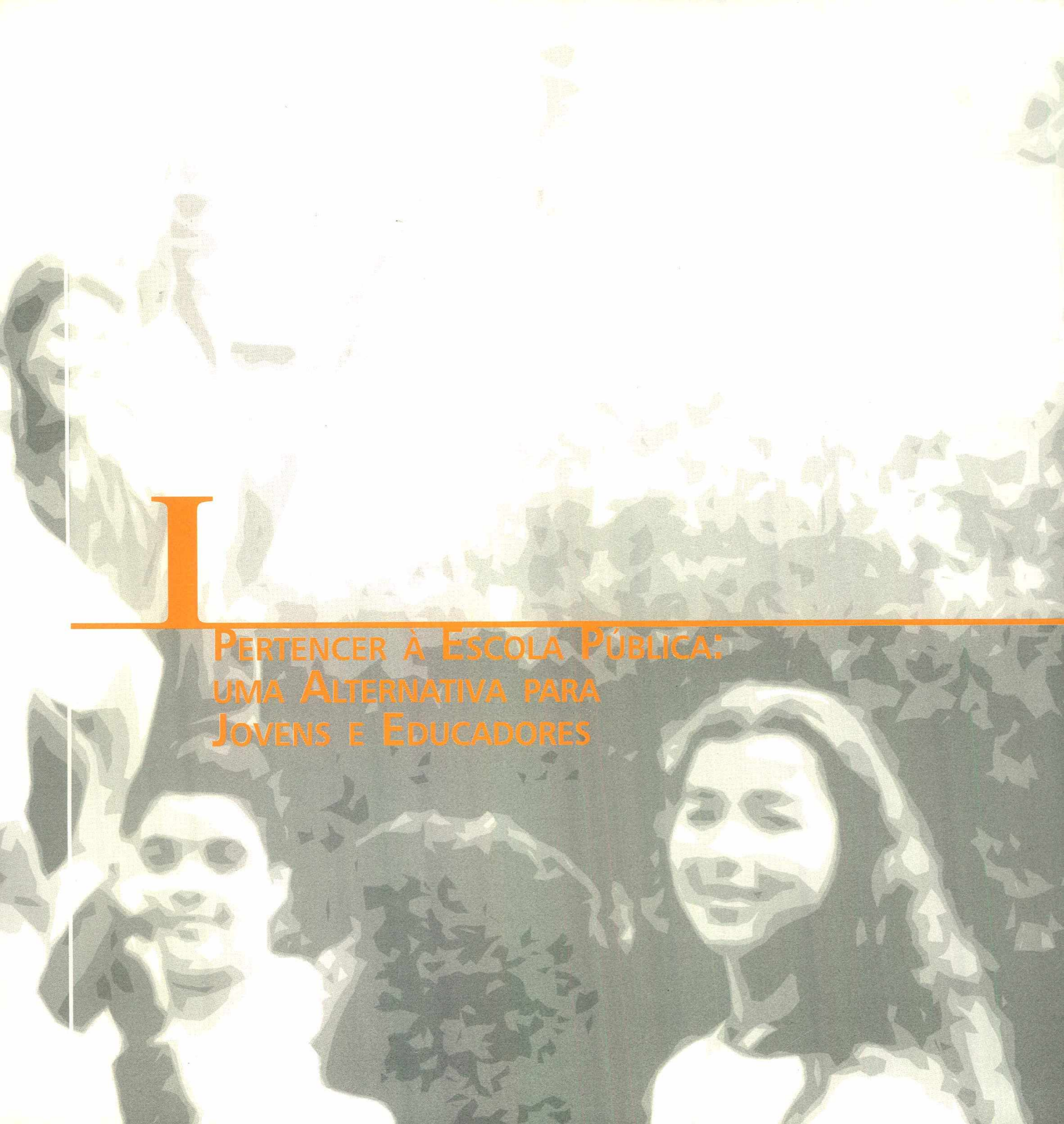
Agradecemos ainda à Fuji do Brasil que doou 60 conjuntos de câmeras e acessórios fotográficos; ao Studio Fotográfico Paparazzi que revelou mais de mil fotos do projeto; ao Du Ribeiro Studio que acompanhou todo o projeto, assessorando os jovens na criação das fotos, e às empresas Meca Stúdio, Brunella, Deliê, Domus Escola de Música e Escola Viva que ofereceram material de apoio e infra-estrutura.



Sumário

I – Pertencer à escola pública:	14
uma alternativa para jovens e educadores	
Introdução	16
Jovens e escola pública: um caso de amor não correspondido?	20
Cidadania e participação: uma perspectiva	28
Jovens e professores: um diálogo de surdos	31
Da importância de pertencer	38
Escutar os jovens: da indiferença ao pertencimento	42
O ponto de encontro	46
O que propicia o ponto de encontro	49
II – Eixos fundamentais	52
Subjetividade	56
Saber	58
Socialização	60
III – As oficinas	62
Uma proposta	64
As fichas	68
Anexo 1	118
Anexo 2	124
Bibliografia	130





I

PERTENCER À ESCOLA PÚBLICA:
UMA ALTERNATIVA PARA
JOVENS E EDUCADORES



Introdução

"(...) eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique
uma pessoa ou uma coisa (...)."

Clarice Lispector

Este texto tem como objetivo apresentar algumas sugestões para a realização de trabalhos educacionais dirigidos a jovens que freqüentam a escola pública. Ele é resultado de uma "pesquisa-oficina" que fizemos com alunos de escolas da rede pública de São Paulo, localizadas em três regiões da cidade onde são comuns vários dos problemas que atingem a maior parte da população brasileira, tais como violência, falta de equipamentos urbanos adequados, desemprego, baixa renda e, como não poderia deixar de ser, altos índices de repetência e evasão escolar. Embora, nos últimos anos, os educadores brasileiros venham empreendendo um grande esforço para aprimorar práticas educacionais dirigidas às populações de baixa renda, tal esforço tem-se concentrado nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. Há muito ainda por fazer, especialmente com relação às séries finais (5ª a 8ª séries). Os alunos destas séries já não são mais crianças, tendo ingressado na

categoria um tanto nebulosa e bastante abrangente a que costumamos chamar de “jovens”. Isso coloca uma dificuldade adicional, pois os educadores e a escola freqüentemente encontram muitas barreiras para fazer com que esses jovens vivenciem o processo de aprendizagem como algo realmente significativo e importante para suas vidas. O diálogo entre professores e alunos é truncado, sendo comuns as situações de frustração e falta de entendimento mútuo que contribuem para que o dia a dia da escola se torne bastante difícil, repleto de conflitos e tensões.

No processo tão delicado que é a transição para a vida adulta, os jovens se defrontam com experiências a partir das quais começam a descobrir seu lugar no mundo e a se reconhecer enquanto sujeitos. De certa maneira, podemos dizer que os ideais, expectativas, vontades, desejos e estilos que se fazem tão presentes no comportamento dos jovens dizem respeito, na verdade, a sua tentativa de dar conta dos desafios colocados por esse processo de descoberta do mundo e de si mesmos. Sabemos como esse momento é naturalmente conflituoso e cheio de incertezas, pois diz respeito a indivíduos que precisam se afirmar perante o mundo e os demais sujeitos que aí se encontram. No entanto, aos olhos de muitos educadores, uma das conseqüências dessa “descoberta do mundo” é a diminuição da importância que os jovens dão às atividades educativas, permanecendo excessivamente centrados em seu universo de interesses particulares. Do ponto de vista dos jovens, é bastante generalizada a opinião de que grande parte dos conhecimentos formais veiculados pela escola são vazios de significado e não respondem diretamente a suas preocupações mais urgentes.

O objetivo inicial de nossa pesquisa era entender quem é o jovem que freqüenta a escola pública: quais são seus sonhos e ex-

pectativas, como ele se relaciona nos diferentes grupos em que vive, o que julga importante saber. No entanto, logo percebemos que, independente das respostas que obtivéssemos, buscar alternativas de comunicação entre educadores e jovens configurava, por si só, uma proposta interessante e inovadora. Por este motivo, passamos a concentrar nossos esforços para vislumbrar maneiras por meio das quais o processo de aprendizagem pudesse conter espaços onde os jovens sentissem que são ouvidos e, ao mesmo tempo, percebessem que a escola e os professores também têm muitas coisas a lhes dizer.

A fim de estabelecer um diálogo efetivo com os jovens que iriam participar de nossa pesquisa, compreendemos que, antes de mais nada, devíamos tentar nos desvencilhar das imagens preconcebidas a partir das quais costumamos olhar para os alunos que se encontram nessa faixa etária. Assim, optamos pela realização de “oficinas” cuja regra fundamental era a de que, enquanto participantes (pesquisadores e alunos), estávamos todos na condição de sujeitos iguais entre si. Isso não significava que pretendêssemos dissimular as diferenças que existiam entre nós: sabíamos que seríamos vistos como pessoas que tinham vindo de outros bairros da cidade, de outra realidade cultural e social. Além disso, éramos nós que tínhamos organizado as oficinas. Havíamos planejado anteriormente as atividades e elas seriam propostas e encaminhadas de acordo com nossas orientações. No entanto, se por um lado isso implicava que nossa relação estaria marcada por essas diferenças, por outro, nada impedia que se estabelecesse um clima de respeito e confiança, garantindo a criação de um espaço no qual os jovens pudessem expressar suas opiniões livremente e de várias maneiras.

Assim, estávamos conscientes de que nosso diálogo com eles

só iria se concretizar se estivéssemos efetivamente abertos para ouvi-los, ou seja, se suas opiniões fossem realmente importantes para nós. Não apenas as opiniões sobre os assuntos em que estávamos interessados — suas visões de si mesmos, dos saberes e da socialização — mas também as opiniões que eles tinham sobre nós, sobre as atividades que estávamos propondo, sobre o próprio espaço de diálogo que as oficinas pretendiam criar. Foi esse o sentido que demos à idéia de que os participantes das oficinas deveriam se colocar na condição de sujeitos iguais entre si, isto é, sujeitos que, apesar de suas diferenças, se importavam com aquilo que os outros tinham a dizer, que reconheciam o direito de cada um se expressar livremente.

Evidentemente, esse processo todo não aconteceu sem que vivêssemos dúvidas, inseguranças e medos na condução das oficinas. Na verdade, experimentamos vários momentos de conflito e tensão na relação com os jovens. No entanto, acreditamos que o resultado final foi muito positivo, justamente porque os princípios de respeito às pessoas e ao trabalho, a transparência que procuramos demonstrar em nossas atitudes e falas foram vistos, ouvidos, percebidos e questionados pelos jovens. Foi por isso que, no conjunto, eles nos responderam com interesse e refletiram séria e intensamente sobre as propostas de nossa pesquisa.

Com o intuito de esclarecer melhor quais foram os pressupostos que nortearam nosso trabalho, apresentaremos adiante algumas indicações sobre o modo como concebemos o problema da relação dos jovens com a escola pública.

2



Jovens e escola pública: um caso de amor não correspondido?

"...ao privilegiar o foco de nossa atenção sobre os jovens como emblemas dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e, como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos."

Helena Abramo

*Os jovens que participaram de nossa pesquisa têm entre 13 e 17 anos. A fim de preservar suas identidades, todos os nomes mencionados ao longo do texto são fictícios.

Evaldo^{} é um rapaz de 16 anos que está cursando a 7ª série. Ele é calmo e atencioso e demonstrou-se muito interessado quando um grupo de pesquisadores entrou em sua sala-de-aula convidando os alunos a se inscreverem em uma oficina de atividades que ocorreria ali mesmo num final de semana. Queria aprender coisas novas.*

Em sua casa, na favela, moram seis pessoas: seus pais, duas irmãs e um primo. O pai é faxineiro e a mãe não trabalha. Além do salário do pai, a renda familiar é garantida pelo trabalho de Evaldo e de seu primo como pegadores de bolinha em uma escola de tênis localizada no bairro de alta renda que fica próximo à favela.

Todos em sua casa estão na escola. O primo, de 16 anos está na 4ª série, pois nunca tinha estudado em sua terra natal. Quando este rapaz chegou a São Paulo, os pais de Evaldo o colocaram na escola. O pai os incentiva muito a estudar, pois ele mesmo não pôde fazer isso em seu tempo e hoje não sabe nem assinar o nome. O próprio Evaldo acha que "é melhor aprender logo do que se criar como o pai se criou".

Na escola, Evaldo é visto como um rapaz educado e "legal", mas "danado", "levado". Não pára um segundo na sala de aula e "visita" sempre a sala da diretoria, porque sai da classe sem pedir, fica chamando a atenção dos colegas e adora andar por todos os cantos da escola nos intervalos. Perdeu apenas um ano, a 6ª série, por causa de uma história ao mesmo tempo trágica e bizarra: foi comprar milho cozido, a panela ia virar sobre uma criança, ele a puxou e tudo caiu sobre seu pé. Por causa das queimaduras perdeu mais ou menos um mês de aula. "Mesmo se eu pegasse matéria com os colegas não ia tirar as faltas que eu tinha. Aqui repete por faltas também". Na escola ele gosta, sobretudo, dos amigos e professores.

Evaldo também gosta muito do seu trabalho, principalmente nos momentos em que pode ir à quadra jogar. "A gente aprende também. Olhando a gente aprende e depois a gente demonstra!". Lá ele diz que aprende a falar palavras que não conhecia, "palavras inglesas, algumas coisas assim que eu vou tentando aprender, porque eles falam muito. Nesse jogo de tênis a maioria das coisas é em inglês".

Segundo Evaldo, alguns elementos são importantes para quem quer estar "bem na vida": ser legal com os outros, compreender e não maltratar as pessoas. "Você acha que vai se dar bem na vida"? Diante desta questão Evaldo hesita: "vai vir do futuro, a gente não sabe o que vai acontecer".

As dificuldades sentidas para envolver jovens em atividades educativas adquirem, no caso dos alunos oriundos de famílias de baixa renda, um significado bastante específico. Por um lado, essas atividades podem representar para eles uma oportunidade de ampliação de suas perspectivas na vida, sobretudo no que diz respeito à melhoria de suas condições sociais, econômicas e culturais. Por outro lado, elas têm que se haver não apenas com os diversos focos de interesse que fazem parte da vida de todos os jovens, mas também com a necessidade — que se coloca desde cedo para os jovens de baixa renda — de cuidar de sua sobrevivência e de sua família. Para eles, o momento da juventude ocorre quase sempre em concomitância com sua entrada no mercado de trabalho e com o dever de assumir grandes responsabilidades em casa.

Além disso, como podemos perceber pela breve história relatada acima, do jeito como a escola pública funciona hoje, ela, freqüentemente, responde mal às necessidades dos jovens. Na entrevista que realizamos com Evaldo, ficou muito claro seu interesse e disposição por "aprender coisas novas". No entanto, de acordo com

sua fala, ele parece dar mais valor ao que aprende no trabalho do que na escola propriamente dita, uma vez que, nela, seu comportamento é marcado por atividades de diversão e de “bagunça”.

Por que será que isso acontece? Uma das respostas possíveis é a de que a escola não oferece aos alunos o apoio necessário para que o processo de aprendizagem se torne um momento interessante e significativo na vida desses jovens. Ao invés de funcionar como um lugar onde o jovem pode estabelecer laços de afetividade que lhe sirvam de amparo neste momento de ingresso no mundo adulto e do trabalho, a escola se constitui muito mais como **espaço de indiferença**. Apesar de gostar dos amigos e professores, Evaldo não parece ver a escola como uma instituição interessada em seus problemas e dificuldades, como ocorreu, por exemplo, no caso da sua reprovação por faltas.

Tá tudo parado na escola...

Juliane tem 14 anos e demonstra timidez ao falar de si e de sua vida. Sua mãe morreu de câncer, quando ela tinha oito anos. O pai casou-se novamente há três anos, e Juliane diz que se dá bem com a mulher dele, mas se dá melhor com o pai e com o irmão mais velho, que tem 19 anos e já terminou o 2º grau. Os seus outros irmãos estão todos na escola. Sobre o trabalho do pai, ela diz que ele “opera com uma máquina, lá na empresa T”, enquanto a mulher dele tem um emprego de doméstica.

Ela nunca repetiu de ano e acha que a escola é um “lugar que eu vim pra estudar, aprender mais, garantir meu futuro”, pois “hoje já tá difícil com estudo, imagina sem... Quando eu for fazer uma ficha lá fora, vou concorrer com as outras pessoas”. No entan-

to, ela diz que gostaria de ter mais atividades na escola, pois "na 5ª série teve semana cultural, mas depois não teve mais... Foi legal, todo mundo participou. Não tem nada nessa escola, não tem mais excursão, tá tudo parado".

Juliane não faz outras atividades fora da escola, mas gostaria de fazer um curso de computação ou de Português e, no futuro, gostaria de fazer faculdade de Direito. Se não estivesse estudando gostaria de trabalhar em qualquer emprego "mas não como doméstica". Ela acredita que talvez possa fazer a faculdade que deseja se tiver "dinheiro e esforço", mas fala sobre isso sem muita convicção.

Frente aos elevados níveis de desigualdade e injustiça social que caracterizam a sociedade brasileira, a escola pública deveria contribuir para a ampliação das perspectivas de vida que o jovem de baixa renda tem pela frente. Como diz Juliane, a escola é o lugar que ela frequenta para "aprender mais" e "garantir o seu futuro". Ela conta com a escola para estar preparada quando for "fazer uma ficha lá fora" e tiver que concorrer com outras pessoas por uma oportunidade de emprego.

No entanto, por que ela se mostra tão reticente quando fala de seu desejo de um dia vir a cursar uma faculdade de direito? Por que, apesar de estar na escola e nunca ter sido reprovada, ela diz que gostaria de fazer "um curso de computação ou de Português"? Como ela mesma diz, a escola está muito "parada" e isso talvez se relacione com o fato de que a transmissão dos conhecimentos se torna muito empobrecedora se não leva em conta a participação e o cotidiano dos alunos. Atividades como, por exemplo, as "excursões" ou as "semanas culturais", contribuem para o enriquecimento do processo de aprendizagem, uma vez que permitem ao jovem se relacionar com os conhecimentos formais de maneira mais ativa e

lúdica, fazendo com que eles deixem de lhe parecer tão “abstratos”, tão distantes de sua experiência de vida.

Mais do que isso, é possível perceber na fala de Juliane como os jovens de baixa renda têm consciência da situação de exclusão social em que vivem e quanta esperança eles depositam na escola enquanto instituição que poderia ajudá-los a enfrentar as dificuldades relacionadas à sua entrada no mundo adulto e do trabalho. Quando Juliane diz que, se não estivesse estudando, gostaria de trabalhar em qualquer emprego, “mas não como doméstica”, é evidente o seu receio de ter que enfrentar uma situação socialmente “humilhante” como, a seus olhos, é a do trabalho de doméstica. Ao mesmo tempo, essa aceitação de “qualquer” emprego parece indicar o quanto a escola é deficiente em alargar o horizonte cultural dos jovens, proporcionando-lhes, por exemplo, a possibilidade de aspirar por um trabalho que esteja mais relacionado com os seus interesses e habilidades pessoais. E isso nos leva de volta a uma das maiores dificuldades da prática educativa: como fazer para que o acesso aos recursos culturais relevantes seja vivenciado pelos jovens como um efetivo processo de aprendizagem, ou seja, um processo em que eles descubram o prazer que pode haver em aprender?

Já faz algum tempo que os educadores vêm insistindo na importância que uma relação prazerosa com o conhecimento tem para o desenvolvimento do potencial criativo dos indivíduos e, em decorrência disso, para o seu próprio desempenho profissional. Portanto, podemos dizer que se a escola ajudasse os jovens a reconhecerem em si mesmos esse potencial, ela estaria auxiliando-os a ingressar na vida adulta e no mercado de trabalho de uma maneira que lhes fosse mais favorável.



A escola tá largada, desleixada...

Valdinete conta que já trabalhou durante as férias e pretende voltar a trabalhar em breve, montando peças para o McDonald's, "pra sair de casa, ao invés de ficar brigando com as irmãs". Ela pretende trabalhar de manhã, das oito ao meio dia, antes do horário da escola e, com o dinheiro, ajudar a família e "usar pra mim também; não adianta trabalhar e dar tudo pra eles". Assim, ela poderia comprar "essas roupas que saem na moda agora".

Valdinete entrou "atrasada" um ano na escola, por ter nascido em setembro e repetiu a 1ª série, porque fez "muita bagunça". Ela diz que antigamente a escola era considerada muito boa, mas "atualmente essa escola tá pior que a minha casa, tá muito largada, desleixada, têm muitos alunos que fazem o que querem, ninguém põe limite nos alunos, aí a gente fica nervosa, eles partem pra cima e começa a briga. Antes da 6ª série eu podia falar que esse era um bom colégio, agora eu não posso falar muita coisa não". Queixa-se de que os meninos ficam "jogando papelzinho nos outros, ficam chamando de gostosa; antes não era assim". De resto, gostaria apenas de ter mais aulas de Educação Física e que elas fossem realizadas no último horário, para evitar que os professores reclamassem do "mau cheiro" dos alunos.

Quando mencionamos que a escola deveria ser um lugar onde os jovens pudessem estabelecer laços de afetividade, estávamos pen-

sando na importância que esses laços têm para o próprio desempenho escolar. A escola pública certamente não irá resolver o problema da crescente violência que se vem instaurando nas grandes cidades brasileiras e que afeta de maneira especialmente aguda a vida das populações mais marginalizadas da sociedade. No entanto, existem várias maneiras por meio das quais os indivíduos podem contribuir para melhorar as relações que eles estabelecem em seu ambiente de trabalho, na escola, no bairro, nas comunidades de que participam. É sobretudo no plano das relações com aqueles que nos são próximos, com os quais convivemos no dia a dia, que podemos agir de maneira a configurar um ambiente de respeito pelo outro, por suas opiniões, sonhos, desejos, dificuldades, enfim, pelo seu “jeito de ser”.

O depoimento de Valdinete ilustra bastante bem o estado de abandono em que se encontram as relações que os integrantes da comunidade escolar estabelecem entre si. Muitas escolas parecem ter se transformado em “terra de ninguém”, onde os indivíduos nem sempre assumem suas responsabilidades ou lutam por seus direitos. É difícil imaginar de que maneira o processo de aprendizagem pode ocorrer quando está ausente o respeito pelo outro. Como é que podemos esperar contribuir para o enriquecimento dos jovens que frequentam a escola pública se não os respeitamos enquanto pessoas, eles mesmos não se respeitam uns aos outros? Por que a escola é hoje um lugar que nos inspira tanto desalento?

Para responder a essas perguntas, acreditamos ser necessário discutir de maneira um pouco mais aprofundada a questão da cidadania e da participação — essas palavras-chave que surgem com frequência nos discursos dos educadores, mas que normalmente parecem vazias de significado ou abstratas demais. É o que pretendemos fazer no próximo item do nosso texto.



Cidadania e participação: uma perspectiva

"(...) as comunidades e as culturas, em sua diversidade, (...) dão sentido e conteúdo ao princípio abstrato da igualdade. (...). Pertencer a uma comunidade implica estar ligado a outros por sentimentos, afetos, identidades compartilhadas".

Elizabeth Jelin

Nos últimos anos, os educadores brasileiros têm enfatizado a necessidade de que a escola ajude a formar cidadãos capazes de participar ativamente da vida política, social e econômica do país, contribuindo assim para a transformação da sociedade brasileira em uma sociedade mais justa e com melhores condições de vida para todos. O desafio colocado por este ideal envolve necessariamente a construção de uma esfera pública "que se realize como espaço de reconhecimento do outro como cidadão e, portanto, um espaço que

estabeleça os “vínculos civis, a partir dos quais os dramas cotidianos (individuais e coletivos) possam ser formulados na linguagem pública dos direitos” (Telles, 1994).

Mas qual seria o papel da escola na construção do espaço público? De que maneira a escola pode contribuir para que os jovens se apropriem da sua condição de cidadãos? Como concretizar as mudanças que se anunciam, mas não se efetivam no dia a dia das escolas, uma vez que estas se mantêm em uma situação de imobilidade, marcada pela separação entre a vida e os conteúdos das matérias ensinadas, esvaziadas de sentido?

Na verdade, se a escola é um lugar privilegiado para a construção de saberes, ela também é importante agente de socialização e de formação das individualidades. Mais do que isso, a escola é um dos primeiros espaços de atuação pública dos jovens. No entanto, na grande maioria dos casos, essa atuação se restringe quase que tão somente à dimensão do “divertimento”, da escola enquanto lugar de encontro com os amigos, formação de grupos que brincam e/ou brigam entre si. No contexto da escola pública, há poucas propostas educacionais que se interessem pela atuação dos alunos neste espaço e pela sua incorporação enquanto um dos momentos do próprio processo de aprendizagem. Ao contrário, normalmente a escola coloca muitas barreiras que dificultam a apropriação de seus vários espaços pelos jovens, como ocorre, por exemplo, quando eles não são estimulados a utilizar e a dinamizar os mecanismos de representação de classe e de série, participação em grêmios, conselhos, clubes de leitura, comissões e outros meios. Sobretudo no que diz respeito ao projeto didático-pedagógico da escola e ao ambiente mesmo da sala de aula, o jovem se vê excluído e é tratado como indivíduo cujas opiniões, valores, interesses e

preocupações não têm qualquer importância para o encaminhamento das questões que dizem respeito à vida escolar.

Se esta é uma atitude que prejudica o desempenho escolar tanto das crianças quanto dos jovens, ela tem um efeito particularmente fulminante no caso destes últimos. Em meio às dificuldades “naturais” desse momento em que estão prestes a entrar na vida adulta, os jovens se deparam com uma escola que não os estimula, não confere a eles a possibilidade de interferir e de ter “voz ativa”, impedindo que o espaço escolar possa ser visto como um espaço que também lhes pertence (e ao qual eles pertencem). Ao invés disso, a escola muitas vezes os trata como “estranhos”, como se fossem meros números na lista de chamada, limitando-se a transmitir os conhecimentos formais de que eles não dispõem e de que, supostamente, necessitam para se “preparar” para a vida.

Portanto, no estado atual das coisas, a escola está longe de contribuir para a formação da cidadania, servindo muito mais como instrumento de ensino da submissão, passividade e indiferença.



Jovens e professores: um diálogo de surdos

"Quero falar de uma coisa / adivinha onde ela anda?
deve estar dentro do peito / ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado / bem mais perto (do) que pensamos. "
Wagner Tiso e Milton Nascimento

A fim de esclarecer um pouco mais o assunto abordado no item anterior, apresentamos abaixo as opiniões de alguns jovens sobre as suas escolas. Essas informações foram coletadas durante as entrevistas que realizamos para preparar as atividades das oficinas:

Gislene está na 6ª série e diz que, apesar de sua escola ser vista como a pior do bairro, por causa da violência, o que ela mais gosta lá são os alunos. O que há de pior na escola é a diretora que, segundo Gislene, é "muito rígida". Ela cita como exemplo o fato de os alunos terem quebrado a sala de vídeo e agora não "terem mais direito a quase nada na escola". Acha que falta mais conversa com os professores e os alunos e que também falta um pouco de compreensão dos alunos com os funcionários. Segundo ela, as salas de aula também poderiam ser melhoradas, pois são bagunçadas. "Apesar de que, se arrumar, os alunos vão acabar arrasando tudo. Eles tinham que ter mais responsabilidade. Tinha que ter uma conversa para conscientizar os alunos, mas parece que o pessoal não ouve muito (...)"

Luzia diz gostar de tudo na escola. Dos professores, dos alunos. "É muito legal, só que tem os alunos que fazem guerra de bolacha, que picham, estragam a escola". Se não estivesse estudando, estaria "trabalhando numa barraca no centro, porque ia ser muito burra e ia estar trabalhando assim". Para ela, quem faz esse tipo de trabalho "não pensa, nunca estudou". O ensino da escola não é muito bom, mas não sabe dizer por quê. Ela gostaria que a escola tivesse aulas regulares, até nos sábados, porque o seu sábado é "muito chato". "Eu fico em casa assistindo televisão".

Lucimara está há três anos na escola X. Antes estudava em São Miguel Paulista, onde sua família morava. Ela diz que lá havia mais violência do que na sua escola atual. Os bandidos entravam no meio da aula e queriam estuprar as professoras. O ensino também era ruim, pois os professores "não ligavam muito", "só explicavam uma vez, quem não entendesse, azar dele". Ela diz gostar muito dos amigos da escola atual e de alguns de seus professores. Os melhores, segundo ela, são os que tentam compreender as difi-

culdades dos alunos e explicam de novo a matéria quando eles não entendem. Mas há os que “não querem nem saber se os alunos entenderam ou não e ficam descontando neles os seus problemas pessoais”. Ela afirma que o pior da escola são as rixas entre grupos de alunos, quando alguém apanha na saída porque brigou com uma pessoa de outra turma. Para ela, falta mais compreensão dos professores sobre os problemas dos alunos e mais lazer nos intervalos entre as aulas, para que eles possam “descansar a cabeça e voltar para as aulas mais interessados nos estudos”.

Wladimir estuda há apenas um ano na escola Y. Ele veio de uma escola “muito boa”, mas teve que sair porque ficou de recuperação e perdeu a matrícula. Além disso, ele diz que aconteceram muitas mudanças com a vinda de alunos de outra escola: “tava rolando muita droga, tudo pro mau caminho, vendendo droga, drogado”. Ele repetiu duas vezes a 3ª série e uma vez a 7ª série. Na 3ª, foi porque “não dava muito valor” e, na 7ª série, porque começou a cabular muita aula: “fiquei desanimado”. Ele diz que este ano está “dando bastante valor”. Segundo ele, falta mais organização na escola, principalmente no recreio. Reclama da guerra de mexerica, inclusive porque são “os inocentes que levam a culpa”, pois não podem dizer quem é que ataca: “depois a casa cai é lá fora, né, acaba se dando mal”.

Como sabemos, do ponto de vista dos professores as dificuldades e problemas não são menores. Segundo eles, o trabalho com as quatro últimas séries do ensino fundamental (5ª a 8ª séries) é muito complicado, pois as necessidades e interesses dos alunos que estão nessa faixa etária são mais difíceis de serem incorporados pela escola. Além disso, são cada vez mais frequentes as situações que envolvem roubo, violência, gravidez e drogas. Em uma outra pesquisa realizada pelo Cenpec, foram colhidos depoimentos de alguns

professores. Vale a pena dar uma olhada neles, a fim de compará-los com as opiniões dos alunos transcritas acima:

"Muitos jovens deixam a escola porque vão ter que trabalhar e sustentar a casa, outros seguem o caminho mais fácil das drogas. A própria condução para essas crianças é difícil. Eles não têm dinheiro para tomar ônibus. Caso eles não consigam chegar à oitava série até os quatorze anos, é barra, pois vão ter que trabalhar e estudar."

"Falta de interesse e falta de valores morais que estes jovens têm em casa. Eles não têm estímulo, não gostam da escola porque ninguém nunca explicou para eles o que é a escola. É difícil uma família que briga pela cachaça, pela comida, pelo cobertor, entender a escola. Estudar pra quê?"

"Eu tinha um aluno que nenhuma escola queria pegar, mas nós o pegamos. Mas ele era o cão em forma de gente, batia nas outras crianças, não respeitava ninguém, passava a mão nas meninas, e enquanto estava aqui, nós tentamos dar atenção, dar conselho, ver se o ajudávamos, mas não teve jeito. Ele está aí na rua, viciado e metido em roubo, porque os pais não quiseram ajudar."

"A escola de hoje não tem estrutura para receber o aluno menos favorecido. Isso acontece porque a vida do aluno mais pobre é muito difícil. A escola não está oferecendo aquilo que eles querem, eles muitas vezes não têm interesse, não respeitam os professores, porque a escola é outra realidade."

"Professor precisa usar muita imaginação para envolver o aluno e estes aprenderem. Se eu tivesse um retroprojetor, um slide, conseguiria ensinar melhor."

"(A escola) deveria preparar os alunos para enfrentar o mercado de trabalho ou uma faculdade, (...) o que eles aprendem hoje não é suficiente para isso."

Ao lermos esses depoimentos de jovens e professores ficamos com a impressão de que estão todos batendo na mesma tecla. Podemos até dizer que essas falas nos mostram duas faces de uma mesma moeda. De um lado estão os jovens, que se defrontam com uma proposta escolar que parece não lhes dizer respeito, como se os problemas e dificuldades vivenciados por eles não fossem da conta da escola. De outro, os professores, que revelam um grande desencanto e frustração por se verem impossibilitados de exercer plenamente o papel de promotores da aprendizagem e de colaboradores na formação da identidade de seus alunos.

Do nosso ponto de vista, esse desencontro que se instaura entre jovens e professores é reflexo de um problema que, na verdade, transcende os limites da vida escolar. As condições de vida nos grandes centros urbanos brasileiros vêm se deteriorando ao longo dos anos e é cada vez mais marcada por uma situação de massificação e fragmentação das relações interpessoais. Em circunstâncias como essas, passamos a ver nos outros, sobretudo naqueles que são diferentes de nós, uma fonte de ameaça: pessoas cujas atitudes nos parecem injustificáveis e incompreensíveis. Em síntese, perdemos a capacidade de construir relações pautadas pela confiança, solidariedade e respeito.

No entanto, se as dificuldades experimentadas na escola apenas refletem uma situação mais abrangente — que certamente não poderá ser solucionada por ela — isso não quer dizer que estejamos de mãos atadas. Os problemas que se colocam para nós, enquanto educadores, são mais específicos e pequenas mudanças em nossas atitudes podem contribuir para melhorar o ambiente do convívio escolar. Freqüentemente nos indagamos sobre o que poderíamos fazer para sensibilizar e envolver os alunos nas árduas tarefas de apren-

der. Como resolver os problemas de disciplina? De que maneira organizar os grupos de alunos em classe? Onde encontrar materiais adequados e interessantes? Como planejar e avaliar todo o processo no meio de tanta confusão? Como dar conta de toda a programação e ainda criar situações significativas para os alunos?

Será que essas questões não se tornam ainda mais complicadas por causa da nossa dificuldade em estabelecer relações de confiança com os jovens? Será que, se conseguíssemos criar um ambiente onde houvesse respeito e solidariedade, o processo de aprendizagem não se tornaria mais gratificante para todos, alunos e professores? O fato, como pudemos perceber na leitura dos depoimentos transcritos, é que há um grande desencontro entre os jovens e a escola e, a partir desse desencontro, forma-se um espaço de “despertencimento”.

“(Despertencer) é como ficar com um presente todo embrulhado com papel enfeitado de presente nas mãos — e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o!”

Clarice Lispector

Jovens e educadores parecem ter um embrulho de presente nas mãos, mas não sabem como, nem para quem entregá-lo. É justamente sobre uma forma de dar e desembulhar este presente que queremos falar aqui.

Não estamos propondo resolver todos os problemas educacionais apenas com base na melhoria das relações entre professores, alunos e os demais integrantes da comunidade escolar, mas uma coisa é certa: todos os envolvidos nessa história gostariam de ser tratados “como gente”. No fundo, como havíamos tentado mostrar no item

anterior, essa é a questão que está por trás de toda a discussão em torno da cidadania: para nos transformarmos em verdadeiros cidadãos é preciso que nos reconheçamos uns aos outros como sujeitos, é preciso que aceitemos nossas diferenças e saibamos conviver com elas, é preciso acreditar que podemos nos entender e que este entendimento pode contribuir muito para o nosso enriquecimento pessoal.

Essa discussão remete também à questão da ética, tal como ela é abordada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

“(...) A Ética diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas. A pergunta ética por excelência é: ‘Como agir perante os outros?’ Verifica-se que tal pergunta é ampla, complexa e sua resposta implica tomadas de posição valorativas. A questão central das preocupações éticas é a da justiça entendida como inspirada pelos valores de igualdade e equidade. Na escola, o tema Ética encontra-se, em primeiro lugar, nas próprias relações entre os agentes que constituem essa instituição: alunos, professores, funcionários e pais. (...) Em suma, a reflexão sobre as diversas faces das condutas humanas deve fazer parte dos objetivos maiores da escola comprometida com a formação para a cidadania.”



Da importância de pertencer

"Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano no berço mesmo já começou. (...). Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer (...). O que eu queria (...) é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencesse."

Clarice Lispector

De acordo com o que pudemos constatar em nossa pesquisa, acreditamos que o estabelecimento de relações de confiança entre jovens e educadores é um elemento fundamental a ser considerado nos projetos e atividades escolares. Isto possibilitaria que a escola se tornasse um lugar de apoio, um lugar onde os jovens de baixa renda sentissem que podem encontrar respaldo para suas necessidades. Muitas vezes a escola dispõe de recursos que não são utilizados simplesmente porque falta um maior envolvimento entre alunos, pais, funcionários, coordenadores, professores e a direção da escola. Uma integração maior entre a comunidade e a escola possibilitaria, por exemplo, que esses jovens fossem auxiliados a encontrar empregos que não comprometessem a continuidade de seus estudos. Na verdade, um dos pontos que pretendíamos sinalizar, com base na discussão realizada nos itens anteriores de nosso texto, é o fato de que não é tanto a necessidade de começar a trabalhar que leva os jovens a abandonar a escola. O que realmente os afasta da escola é o fato de que ela é espaço de indiferença, passividade e, sobretudo, um espaço ao qual eles sentem que não pertencem. Poderíamos dizer que é a escola que abandona o jovem, e não o inverso.

Um dos significados da palavra "pertencer" é "ser parte de". Ela diz de um grupo ou lugar do qual se é parte, alguém ou algum lugar que nos faz sentir em casa, onde nos sentimos à vontade para sermos nós mesmos. Em outras palavras, pertencer se refere a situações nas quais nos reconhecemos enquanto pessoas capazes de interagir com os outros, de ouvir e de sermos escutados, de respeitar e sermos respeitados. Nessas situações, percebe-se que as pessoas têm uma linguagem comum e que a troca entre elas flui de maneira natural. Portanto, para que a escola possa cumprir efetivamente seus objetivos educacionais, é preciso que ela se transforme num lugar onde os

jovens se reconheçam, se identifiquem. Um lugar que lhes desperte o interesse em aprender e que os estimule a se apropriar dos instrumentos de conhecimento formal de que ela dispõe.

Criar um espaço de pertencimento coloca-se, assim, como um dos princípios que deveria nortear qualquer trabalho a ser realizado com os jovens da escola pública. Esse é um objetivo que, obviamente, não pode ser alcançado da noite para o dia. Apesar disso, algumas atitudes bastante simples podem contribuir e dar início à transformação da escola em um lugar mais acolhedor, fazendo com que o cotidiano da vida escolar seja mais gratificante e enriquecedor para alunos e professores.

Se nosso objetivo é estimular a participação dos jovens na vida escolar, se queremos que eles sintam que o espaço da escola também lhes pertence, talvez um primeiro passo a ser dado seja procurar conhecê-los melhor, saber quais são seus interesses, preocupações, sonhos, medos. Mais ainda, é interessante saber a quais espaços eles sentem que pertencem, com que pessoas eles estabelecem relações de identidade, a quem eles admiram, por quem eles demonstram respeito etc. Ora, para isso, antes de mais nada é preciso que aprendamos a ouvi-los.

Em nossas andanças para preparar a realização das oficinas com os jovens, conhecemos uma senhora que trabalha como zeladora de uma escola. Conversamos bastante com ela, pois ficamos impressionados com o conhecimento que tinha dos alunos e com a sua capacidade de se relacionar com eles. Apresentamos abaixo algumas informações sobre ela e seu modo de interagir com os jovens, a fim de mostrar a importância do ato de ouvir e o quanto ele pode nos auxiliar em nossas práticas educativas.

Dona Diva é uma senhora de 70 anos, que trabalha como zeladora de uma escola pública há 18. Ela diz que sente uma grande alegria por ter podido acompanhar o desenvolvimento de muitos alunos: vê-los crescer, casar, ter filhos, conquistar melhores condições de vida. Ao mesmo tempo ela também presenciou várias situações difíceis: muitas brigas, problemas dos alunos com a escola, com a família, gravidez precoce, envolvimento com drogas.

Pelo fato de morar no bairro há muitos anos, ela conhece todos os alunos da escola e se tornou uma interlocutora privilegiada deles e de suas famílias. Bastante próxima dos jovens, dona Diva preocupa-se em conversar e estar perto deles, ouvindo seus problemas, interessando-se por suas questões, dando conselhos. De certa maneira ela faz a ligação entre os problemas deles na escola e em suas vidas fora da escola. "Eu falo com eles sobre tudo, de sexo, de doenças venéreas etc. Por isso, eu tenho que saber de tudo, compro as revistas que eles lêem, preciso saber que time de futebol jogou, quem ganhou, quem perdeu."

Ela conta que uma vez encontrou na rua um aluno. Ele estava desesperado, pois não conseguia encontrar emprego e precisava muito ajudar sua família; por isso estava pensando em largar a escola. Dona Diva procurou acalmá-lo, dizendo-lhe que ele acabaria encontrando um emprego e que abandonar os estudos não iria resolver o problema. Desta situação, ela conclui: "Falta a escola valorizar eles. No dia a dia lá eles não têm voz." Assim, Dona Diva acredita que a escola está muito distante dos problemas dos alunos e que não tem tempo para ouvi-los. De sua postura como zeladora, afirma algo que também não é estranho às demandas de muitos professores: "eu não quero viver aqui como cargo. Eu não quero cargo, eu sou gente. Quero ser tratada aqui como gente, como os jovens também devem ser."



Escutar os jovens: da indiferença ao pertencimento

"Nas relações interpessoais, não só entre professor e aluno, mas também entre os próprios alunos, o grande desafio é conseguir se colocar no lugar do outro, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações. Isso desenvolve a atitude de solidariedade e a capacidade de conviver com as diferenças."

Parâmetros Curriculares Nacionais

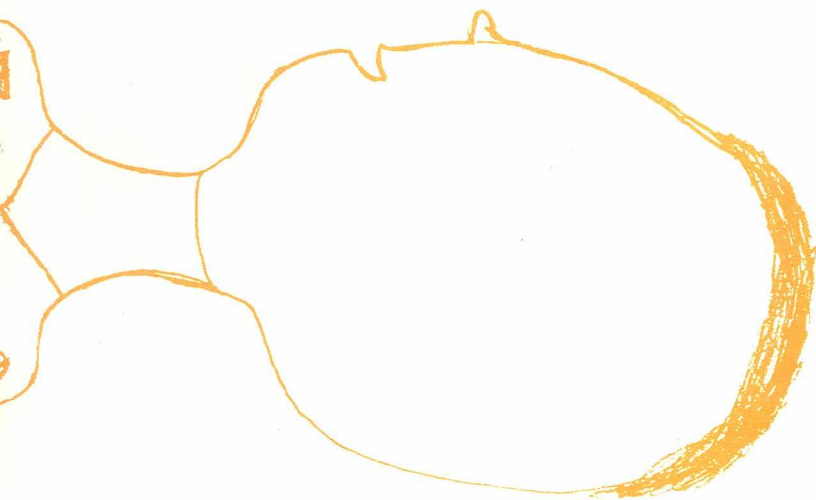
O que percebemos na experiência das oficinas e no depoimento de dona Diva é que saber ouvir o outro, o jovem, o aluno, pressupõe uma postura não apenas pedagógica, mas investigativa. Para que possamos colocá-la em prática, precisamos nos deixar levar pela curiosidade de saber quem eles são, identificar as dificuldades com as quais eles se defrontam, prestar atenção a suas falas, perceber o sentido que dão para as situações que vivenciam no dia a dia, notar as maneiras através das quais eles mobilizam os recursos de que dispõem. Isso só é possível se conseguirmos criar com eles um canal de diálogo aberto e franco.

A trajetória do Cenpec no exercício de ouvir os jovens começou com as entrevistas da pesquisa "Importância da Participação Comunitária na Questão da Educação e Pobreza", realizada em 1995, juntamente com a Fundação Carlos Chagas. Nessa pesquisa foi possível perceber que os jovens tinham muito a dizer e que a escola não se mostrava atenta a isso. Nos demos conta também do quanto é difícil criar situações em que esses jovens se sentissem à vontade para se expressar livremente. Mesmo em entrevistas descontraídas, feitas a partir de roteiros, sem gravador, muitos jovens demonstravam inibição ou agiam como se estivessem sendo avaliados. As opiniões por eles expressas eram, em sua maioria, extremamente vagas ou se assemelhavam a respostas prontas, como se eles não estivessem nos dizendo o que realmente pensavam e sim aquilo que lhes parecia "correto" responder. Muitas das conversas terminavam com um suspiro de alívio e quando já se sentiam livres da tensão experimentada, eles desabafavam, pedindo desculpas pelas respostas "erradas" que porventura tivessem dado; o que era um claro sinal do sentimento de insegurança pelo qual haviam passado.

O desafio que resolvemos nos colocar a partir daquela experiência foi o de elaborar um novo trabalho, cuja preocupação central seria a de criar situações que estimulassem a espontaneidade das respostas. Procuramos inicialmente refletir sobre a insegurança dos jovens, seu retraimento frente aos pesquisadores, seu "descompromisso" para com as respostas às nossas perguntas. A conclusão a que chegamos foi a de que esse comportamento era fruto de uma inquietação, de um desassossego que atingia não apenas a eles, mas também aos pesquisadores. Afinal de contas, as entrevistas estavam sendo realizadas com pessoas que não se conheciam, nunca haviam se encontrado antes. É difícil imaginar que, em uma situação como essa, os jovens estivessem à vontade para falar de suas opiniões e atitudes, de suas expectativas, de suas experiências de vida. Ao mesmo tempo, os pesquisadores sentiam-se incapazes de romper o clima de desconforto numa única conversa, às vezes, na porta da escola ou mesmo na rua.

Desta maneira, percebemos que, se pretendíamos ouvir os jovens a fim de compreender como eles vivenciam e articulam suas experiências de socialização, aquisição de saberes e subjetivação, era preciso eliminar a distância que nos separava deles. Precisávamos criar situações onde eles sentissem que havia espaço para suas crenças, percepções, sentimentos e valores. Situações onde eles sentissem que estávamos interessados no que eles tinham a dizer, não apenas para que pudéssemos realizar nosso estudo, mas porque acreditávamos ser muito importante estabelecer esse canal de diálogo com eles. Queríamos ouvi-los não para podermos simplesmente coletar algumas informações, mas para que eles percebessem como é importante o que eles têm a dizer. Afinal, as nossas opiniões e sentimentos são das coisas mais importantes que possuímos para oferecer a alguém.

Foi a partir desta reflexão que pensamos em realizar, com eles, algumas oficinas de atividades, baseadas nos princípios a que já nos referimos. As oficinas propiciaram um grande envolvimento de todos — organizadores e jovens — levando-nos a constatar a dificuldade e a importância da escuta. Percebemos que ouvir não é uma atitude passiva. Para podermos realmente ouvir os outros é preciso que estejamos dispostos a trocar sentimentos, afetos, opiniões, administrar conflitos. Ouvir os outros é criar junto com eles um espaço de pertencimento.





O Ponto de Encontro

Os jovens participam de várias instituições e grupos — família, escola, igreja, associações, entre outros — a partir dos quais a própria identidade deles é construída. Fazer parte destes universos é importante para que eles sejam capazes de atribuir a si mesmos um lugar no mundo. No entanto, isso não se dá de maneira automática. É preciso, antes de mais nada, que os jovens vejam estes grupos e instituições como espaços que estão abertos a sua participação.

A certa altura de nosso trabalho nos deparamos com o depoimento de uma professora no qual ela reclamava do descaso e da falta de comprometimento dos alunos com o processo de aprendizagem:

“Para mim, a função da escola por excelência é ensinar. Mas, isto está difícil porque nem todos os jovens gostam da escola... Frequentam-na porque os pais os obri-

gam, fazendo dela um ponto de encontro com os colegas."

(Fundação Carlos Chagas, 1996)

A crítica da professora a respeito dos jovens usarem a escola como "ponto de encontro", pode ser recolocada a partir da idéia do pertencimento: se a escola pudesse se transformar em um ponto de encontro não apenas dos alunos entre si, mas também entre alunos e professores, entre diversas formas de ser, de conhecer e de aprender, então ela se tornaria mais significativa para o conjunto da comunidade escolar: alunos, professores, funcionários e direção. Criar um "ponto de encontro" significa construir um espaço no qual o jovem e os educadores sintam-se *pertencendo*, no qual caibam desejos, expectativas, divergências e diferentes experiências de aprendizagem.

Acreditamos que nossa experiência no trabalho com os jovens pode contribuir para o enriquecimento das práticas educativas justamente porque ela visa criar um "encontro" entre pessoas com experiências de vida diferentes. Por isso, resolvemos chamar as oficinas que realizamos de "Ponto de Encontro". Procuramos estabelecer um ambiente de diálogo, onde a principal moeda de troca era o respeito e a principal regra era a disposição para ouvir. A participação nas atividades não era uma imposição autoritária, mas, ao contrário, mostrávamos a eles que nosso convívio ali estaria baseado na idéia de que todos tinham liberdade para se expressar. Sabíamos que as oficinas só funcionariam de maneira efetiva se estivéssemos dispostos a aceitar os possíveis conflitos e tensões que nossas propostas iriam suscitar. Afinal de contas, se pensarmos em nosso convívio com

as pessoas das quais gostamos, com as quais estabelecemos relações que são realmente significativas para nós, perceberemos que é justamente no jogo de aceitação e entendimento das diferenças que o diálogo vai se construindo.

De fato, durante as oficinas experimentamos momentos de divergência e desencontro. Em certos casos, isso se dava de maneira sutil. Um ou outro participante permanecia em silêncio ou não se envolvia nas atividades. Havia situações em que alguém não fechava os olhos, como o proposto, demonstrando o seu desinteresse pela atividade e havia também aqueles que trocavam de parceiros, não aceitando os que havíamos lhes designado. Em outros casos, a tensão se revelou de maneira mais explícita. Suas falas assumiam um tom irônico, alguns participantes se fechavam em pequenos grupos em oposição a outros alunos ou a nós mesmos, faziam perguntas diretas sobre o que pretendíamos com essa ou aquela atividade.

Para lidar com essas situações, a melhor alternativa foi estarmos sempre dispostos a “abrir o jogo”. Tentávamos deixar claro o sentido das atividades, explicávamos que nosso objetivo ali era o de participar com eles de uma experiência significativa para todos, não nos interessando que se sentissem obrigados a fazer o que propunhamos. Na verdade, estávamos cientes de que as resistências expressas tinham sua razão de ser e se constituíam, por si só, em indícios da visão de mundo deles.

Enfim, podemos dizer que, no geral, os jovens que participaram do nosso “Ponto de Encontro” mostraram-se participativos, mas demonstraram resistências também; ora se expuseram, ora se preservaram.



O que propicia o *Ponto de Encontro*

"(...)há que se cuidar da vida / há que se cuidar do mundo
tomar conta da amizade / alegria e muito sonho
espalhados no caminho / verdes: planta e sentimento
folhas, coração, juventude e fé."
Wagner Tiso e Milton Nascimento

Ouvir é um exercício que não se faz sem um objetivo. Se esta prática for entendida como "ouvir por ouvir" e nada for feito com o que se escutou, de pouco adiantará todo o esforço. Antes de se apropriar dos recursos que aqui oferecemos, é preciso que o educador defina algumas questões específicas a respeito das quais seria importante ouvir os jovens.

No nosso caso, estávamos interessados em ouvir os jovens a respeito de sua postura quanto à escola, buscando compreender qual a relação desta com seus outros interesses, problemas e necessidades. Ao investigarmos este problema, entretanto, ficou claro para nós que deveríamos ampliar os pontos da pesquisa para fora do âmbito estrito das atividades escolares, a fim de que pudéssemos, inclusive, perceber o lugar que a escola assume na vida dos jovens. Deste modo, as oficinas foram pensadas de forma a propiciar a expressão dos jovens sobre algumas questões colocadas em debate através de várias atividades. Com base em suas produções, falas e comportamentos, procuramos identificar pistas e informações importantes para um trabalho pedagógico.

A característica fundamental do nosso “Ponto de Encontro” foi a junção entre a intenção investigativa, que buscava conhecer o outro em sua lógica própria e a intenção pedagógica, que fez das atividades, meios para trabalhar conteúdos e atitudes. Sobretudo, o “Ponto de Encontro” teve por característica fundamental a busca da participação e da construção individual dos saberes e das atitudes para o convívio e o diálogo com as diferenças.

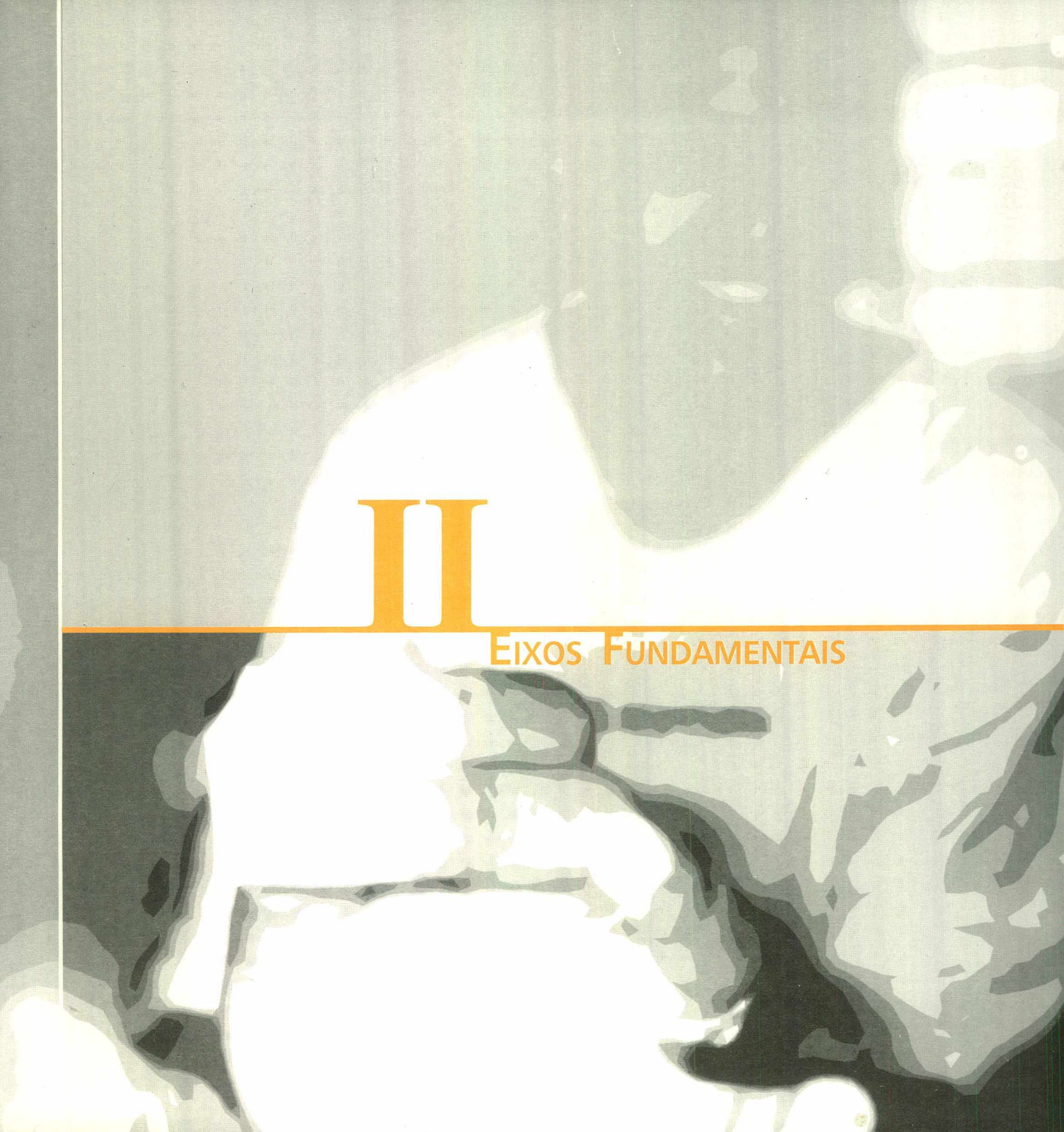
Nas oficinas, como se poderá ver adiante nas fichas que compõem o item III deste volume, realizamos dinâmicas de grupo, discussões e produções de textos. Nestas atividades, pudemos ter contato com um leque de conhecimentos e interesses dos jovens, muitas vezes pouco explorados pelas formas tradicionais de ensino. Eles conseguiram mobilizar seus recursos, experimentar novos relacionamentos e utilizar diferentes formas expressivas, como o desenho, o teatro, a fotografia, manuseio de sucatas, massinhas, escrita de textos e conversas. Ainda que tenham mostrado um domínio bastante frágil dessas técnicas de expressão — quase sempre precárias para o nível de escolaridade no qual se encontravam — os vários trabalhos por eles reali-

zados se complementam e são ricos de significado.

Na verdade, as oficinas possibilitaram a vivência dos tênues limites existentes entre o conhecimento adquirido e já expresso formalmente e aquele que ainda não está consolidado enquanto saber intelectual. Trata-se aqui de um conhecimento que se revela sob a forma de impressões ou opiniões, cuja expressão se dá a partir de "provocações" e incentivos, como os que foram propiciados pelos momentos de sensibilização, interiorização e reflexão incorporados às atividades. Através dessas técnicas, os jovens eram incentivados a se utilizarem dos inúmeros recursos cognitivos de que eles dispõem sem que, no entanto, se dessem conta disso. Por outro lado, a própria atitude que adotamos, no sentido de prestar atenção a suas falas, de valorizar o que eles tinham a dizer, também foi muito importante para que eles pudessem deixar vir à tona os seus saberes e conhecimentos, contribuindo, ao mesmo tempo, para que elaborassem de maneira mais aprofundada a consciência que cada um tinha de si e dos outros.

Outro fator que colaborou muito para que atingíssemos este resultado foi evitar a postura daquele que simplesmente julga a qualidade das produções dos jovens e não percebe as possibilidades de desenvolvimento do pensamento e da capacidade de expressão de cada um. Pode-se dizer que estar atento para o jogo entre o que o jovem já conseguiu realizar e o que está prestes a conquistar é fundamental para que a interferência do educador se dirija para a ampliação das conquistas individuais. A abertura para a compreensão do outro em sua lógica própria é um passo necessário se quisermos que as atividades educativas sejam significativas e estimulantes. Esta é a razão de acreditarmos que a postura investigativa deve fazer parte do ofício do educador: ela permite que se ampliem as oportunidades de aquisição de saberes e de construção de atitudes.





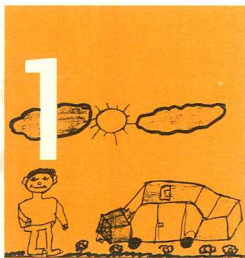
II

EIXOS FUNDAMENTAIS



EIXOS FUNDAMENTAIS

Como apontamos anteriormente, a fim de que pudéssemos compreender melhor qual é o tipo de relação que os jovens estabelecem com a escola, precisávamos elaborar um enfoque que partisse de uma perspectiva mais ampla. A busca deste enfoque se traduziu em três eixos a partir dos quais pudemos organizar nossas oficinas, direcionando nossa escuta e nosso olhar, de modo a entender os jovens. São eles: subjetividade, saber e socialização.



Subjetividade

Ester diz que sua mãe é a pessoa de sua família com quem melhor se dá, pois ela "está sempre ao meu lado, conversa comigo; quando quero alguma coisa converso com ela e ela vê se dá ou não".

Romeu gosta de conhecer pessoas e valoriza sua independência, pois não quer depender de ninguém.

Ana Cristina se dá muito bem com a sogra, uma das quatro pessoas que a entendem, junto de seu pai, uma amiga e o noivo, "que me entende mais ou menos".

O eixo da subjetividade diz respeito à formação da individualidade de uma pessoa, ou seja, de um sujeito dotado de sentimentos, pensamentos e ações. Diz respeito aos aspectos que formam a identidade de cada jovem, quais suas principais referências (a família, a igreja, os amigos, o trabalho) e quais seus principais pontos de apoio afetivo e emocional.

Em outras palavras, investigar os jovens, ouvi-los a partir deste eixo significou lidar com alguns temas específicos: imagem de si mesmo; aptidões; capacidades e saberes que o jovem reconhece em si próprio; valores e ideais com que se envolve; o que o mobiliza; imagem que ele tem da sociedade e dos grupos com os quais convive (família, amigos, escola etc.); expectativas em relação a si mesmo (projeto de vida); expectativas em relação aos outros (participação, preocupações coletivas ou políticas, utopias).



Saber

Ronaldo aprendeu o que sabe pelo ensino que teve do pai e da mãe, diz que "os pais são importantes para ensinar como subir na vida".

Paula acha boa a escola, "aqui os professores fazem de tudo pra gente aprender, mas a gente não dá o máximo pra tentar aprender".

Oscar tem um tio advogado em Piracicaba que ajuda muito as pessoas, os meninos de rua. Segundo ele, o tio aprendeu o que sabe em casa e na rua. Para ele, as coisas boas que se aprende na rua são aquelas que não se vêem em casa: "é não fumar drogas, respeitar o próximo, conversar..."

Este eixo diz respeito aos “conhecimentos” que os jovens valorizam de uma forma ampla: onde e com quem aprendem coisas que consideram importantes, o que eles pensam sobre “saber coisas” e de que “coisas” gostariam de saber, que sentido eles vêem nos saberes valorizados pela sociedade (leitura, escrita, comportamento etc.), em que medida acreditam que o “saber” será importante para suas vidas no futuro.

Os temas que abordamos a partir deste eixo foram: Que saberes despertam ou não despertam o interesse dos jovens? Quais são os lugares em que eles aprendem coisas que valorizam? Quais são as suas reais fontes de aprendizado (mídia, escola, música, pessoas, livros, grupos)? Quais são as suas estratégias de aprender? Quais são os objetivos e as motivações que, segundo eles, fazem valer a pena o esforço de aprender?



Socialização

*Claudinei conheceu seus amigos “brincando, jogando bola”.
Diverte-se mais nas ruas do bairro onde mora, na casa de amigos e
nos bares, jogando bilhar.*

*Rosa, no seu tempo livre, gosta de ficar em casa “cuidando
da casa e de mim”, diz ela. Vai sempre ao Ibirapuera correr e fa-
zer ginástica.*

*Alessandra sai pouco de seu bairro. Lá dentro, freqüenta um
salão de baile, um “lugar respeitado”, e vai às pizzarias. Fora isso,
vai aos shoppings.*

O eixo da socialização diz respeito aos lugares que os jovens frequentam, que tipo de relacionamentos estabelecem, como vivenciam o bairro ou a cidade em que moram, que lugar ocupam na sociedade.

Os temas que investigamos em relação a esses aspectos são: lugares de convívio (escola, igreja, rua, trabalho, família); maneiras de se relacionar (conversas, namoros, dança, jogos, beber em grupo etc.); barreiras para o relacionamento (violência, dificuldades pessoais etc.).

A organização das oficinas em torno destes três eixos ajudou-nos a conhecer um pouco mais os jovens com os quais trabalhamos, uma vez que a identidade de cada um é construída por muitas facetas: pela suas práticas e atitudes, pelos seus sonhos, expectativas e motivações (subjetividade), pelas coisas que conseguiu, quis ou precisou aprender e conhecer (saber), pelos lugares onde vive e pelas pessoas com quem se encontra (socialização).

Nosso objetivo, entretanto, não foi o de conhecer as particularidades da vida de cada um dos jovens para dar a eles um tratamento diferenciado e pessoal. O importante, do nosso ponto de vista, era perceber, a partir das histórias e da participação nas atividades das oficinas, índices e pistas que pudessem fazer sentido aos jovens em geral, isto é, temas e maneiras de tratamento que estão próximas do universo deste grupo como um todo e não de cada indivíduo especificamente.





III

As Oficinas



Uma Proposta

Em cada uma das oficinas “Ponto de Encontro”, nosso contato com os jovens foi precedido de várias visitas às escolas para conversas com a direção e/ou coordenação, acordos de datas e locais. Nosso contato com os jovens ocorreu em três momentos diferentes. Num primeiro momento, convidamos os alunos das classes de 6ª a 8ª séries a se inscreverem através do preenchimento de uma ficha que pedia informações como idade, série, trabalho e expectativa quanto à oficina. Dos mais de 400 inscritos, sorteamos 78 jovens, divididos em três grupos, e realizamos com cada um deles uma entrevista. Num segundo momento, realizamos com os entrevistados a oficina de um final de semana inteiro. Por fim, num terceiro momento, fizemos a oficina de retorno (parte de final de semana ou um período durante a semana) com atividades, discussões finais e devolução das fotos reveladas que eles haviam produzido durante a primeira oficina.

Contrato transparente

Nas oficinas, estávamos sempre dispostos a explicitar abertamente nossos objetivos com a pesquisa. Com essa abertura para o diálogo constante garantimos que os jovens se empenhassem nas atividades, já que passaram a ver sentido no que estavam fazendo.

Estando conscientes do que pretendíamos atingir com cada atividade, ficamos mais à vontade para administrar situações imprevistas e tivemos mais agilidade para as improvisações que sempre acontecem.

Mesmo estando envolvidos nas atividades, os jovens sentiam-se cansados depois de algumas horas. Por isso, tomamos cuidado para não propor dinâmicas repetitivas, alternando momentos mais lúdicos com propostas mais reflexivas, escritas e leitura de textos, buscando não desperdiçar o empenho dos participantes.

Quando sentimos desânimo em relação a certas propostas, nunca optamos pela imposição da disciplina. Em momentos de maior resistência ou cansaço, coube-nos explicar da maneira mais sincera possível o que estávamos querendo, ou então, lembrá-los dos motivos pelos quais eles tinham aceitado participar da oficina.

Estes pontos fazem parte do que chamamos de um contrato transparente: cada um dos participantes (organizadores e jovens) deve ter plena consciência do por que está ali, acreditar na importância da oficina ou da atividade proposta e saber dos objetivos a serem alcançados a partir daí. Consideramos que a manutenção de um contrato transparente entre educadores e jovens é uma das condições fundamentais para qualquer atividade proposta ter sentido, seja ela uma oficina para se conhecer um determinado grupo de jovens, uma oficina para discutir a limpeza da escola, uma oficina para tratar da ques-

tão das drogas, uma oficina para preparar um evento na escola, uma oficina para transmitir algum tipo de conhecimento etc.

O convite

Chamar os jovens para participar de uma oficina é uma tarefa delicada. O primeiro contato entre os organizadores e os convidados deve ser bem feito e é muito importante para criar uma expectativa favorável. No nosso caso, os convites foram feitos em sala de aula. Dois organizadores entraram nas classes e fizeram uma breve apresentação: falaram seus nomes, explicaram a proposta e o objetivo do trabalho e se dispuseram a esclarecer as dúvidas que porventura surgissem. Depois das aulas ou nos intervalos, estas duas pessoas ficavam disponíveis para conversar com os alunos e inscrever os que se diziam interessados.

O importante no momento de convidar os alunos é explicar bem a proposta do trabalho, o que se tem para oferecer e o que se espera deles. Nenhuma tentativa de seduzir os participantes com prêmios ou brindes foi utilizada. O único elemento de "sedução" que utilizamos foi a dinâmica e a proposta do trabalho.

Os preparativos

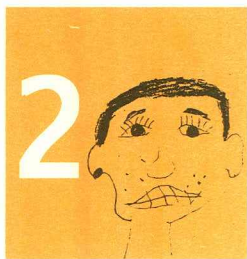
Muitos foram os planejamentos e preparativos realizados antes de cada oficina. Já no momento inicial ao convidar os jovens, fizemos cartas-convite explicando quem éramos, quais eram os objetivos da oficina e local e data de sua realização. Preparamos também fichas de inscrição a serem preenchidas pelos alunos que desejavam participar e cartas explicativas sobre a oficina aos pais dos jovens. Além disso, elaboramos e montamos várias fichas de atividades a serem utilizadas pelos jovens durante as oficinas (vide anexo), calculamos detalhadamente o tempo previsto para cada atividade,

de forma a conseguirmos contemplar todas as atividades planejadas. Neste ponto, acrescentamos inclusive o tempo destinado aos intervalos para lanche e almoço. Elaboramos ainda uma ficha especial para anotação de observações a respeito de cada atividade: qual era o envolvimento e disposição dos jovens em cada atividade proposta, que comentários e reações surgiram, qual a dinâmica que se estabeleceu entre os jovens e nossa equipe em cada atividade. Estas observações, realizadas por duas pessoas em cada uma das oficinas, nos auxiliaram muito na discussão e análise dos materiais produzidos pelos jovens.

Já na realização das oficinas, nossa preocupação principal era criar, nos locais onde elas aconteceram, um ambiente acolhedor e diferente do experimentado no dia a dia. Para isso, foi importante fazer uma boa limpeza do local, a fim de que pudéssemos ambientá-lo com tapetes e almofadas no chão. Colocamos um painel feito de papel pardo sobre os trabalhos expostos de crianças que se utilizavam das salas, de modo a escondê-los. Selecionamos uma grande quantidade de CDs de variados tipos de música para serem tocados durante as oficinas. Cuidamos detalhadamente dos lanches e almoços.

No dia

As atividades só começaram depois que todos estavam presentes, mesmo com um pouco de atraso. Na sala preparada, fizemos uma breve apresentação do projeto e dos pesquisadores. Em seguida, iniciamos a oficina com várias atividades elaboradas com a finalidade de apresentar o grupo e integrar os participantes. Elas foram fundamentais para criar um clima de desinibição e gerar um sentimento de afinidade no grupo. Várias destas atividades de aquecimento serão descritas a seguir.



As fichas

As atividades das oficinas foram criadas de acordo com os três eixos de investigação já mencionados: subjetividade, socialização e saber. Foram propostos 17 blocos de atividades, incluindo-se aí alguns jogos de integração e aquecimento, fundamentais para o envolvimento dos jovens e para a construção de um bom canal de comunicação. Várias atividades como produções escritas, construção de imagens, dramatizações, discussões, fotografia, uso de massinha e sucata foram utilizadas a fim de estimular os jovens a expressarem suas opiniões, idéias, sentimentos e atitudes.

Ao montar uma oficina, deve-se pensar numa preparação para o grupo que funcione como “aquecimento” e não esquecer o “fechamento” da atividade na forma de compartilhamento ou avaliação. É importante imaginar o clima que se espera ter na atividade principal para poder escolher o tipo de aquecimento mais adequado. Atividades mais reflexivas precisam de aquecimentos que criem

um ambiente tranqüilo e de introspecção. Atividades coletivas exigem dinâmicas de grupo que criem maior interação e intimidade entre os participantes. É bom lembrar também que cada atividade interfere no clima do grupo. Portanto, ela própria pode servir de aquecimento para a dinâmica seguinte.

Por fim, deve-se ter em mente que um planejamento com diferentes alternativas de atividade dá mais autonomia à condução do trabalho, permitindo maior jogo de cintura frente às variações de comportamento do grupo. Um grupo mais apático vai exigir maior tempo ou propostas diferentes para maior participação. Além disso, é preciso lembrar que um grupo formado por pessoas desconhecidas entre si age de modo diferente de outro cujos integrantes já se conhecem. É preciso trabalhar esta questão nos dois casos, pois agrupar pessoas numa sala não faz delas um grupo, mesmo que sejam conhecidas.

Nas próximas páginas, apresentaremos as atividades com objetivos, pré-condições e dicas, como exemplo do que pode ser feito numa oficina. A ordem das atividades obedece a seqüência por nós seguida, mas tanto atividades e dinâmicas, como organização, podem e devem ser modificadas ou substituídas. Sugerimos que sejam escolhidas de acordo com os objetivos do trabalho a ser realizado. As propostas executadas na nossa oficina foram elaboradas a partir de leituras e experiência pessoal dos pesquisadores em dinâmicas de grupo e escola de psicodrama.

objetivo

Memorização dos nomes, aquecimento.

descrição

Formar um círculo e dizer o nome ou apelido e uma qualidade que possui;

Dizer o nome ou apelido fazendo um movimento, depois de repetir o nome e o movimento feitos pelo vizinho.

pré-condições

Os participantes não devem se conhecer, caso contrário, a atividade é dispensável.

dicas

Esta atividade é um bom começo, pois nos primeiros instantes os participantes costumam-se sentir um pouco envergonhados. É interessante propor na sequência outras atividades mais lúdicas, que aproveitem esse ponto de partida.

nossa experiência

Alguns participantes se mostraram ainda bastante tímidos, mas à medida em que iam aparecendo gestos engraçados e erros nos nomes e movimentos as pessoas riam, iam se soltando. Usamos no início, uma música alegre até todos se acomodarem e, aos poucos, fomos abaixando o som.

objetivo

Quebra-gelo, entrosamento, memorização dos nomes.

descrição

Dois times, separados por um cobertor ou pano, impedindo que se vejam; um integrante de cada um dos grupos é escolhido para ficar diante do pano, ainda escondido. Ao sinal, os monitores levantam o pano e o participante que falar corretamente e mais rápido o nome do colega do grupo opositor, ganha e o perdedor muda de lado; cada vez que o pano abaixa, o grupo escolhe outra pessoa para nova disputa. Termina quando todos os jogadores de um grupo passarem para o outro lado.

pré-condições

Lembrar os nomes de todos antes de abaixar o pano; providenciar um pano grosso, comprido e alto (um cobertor, por exemplo) para ser esticado por duas pessoas que o colocarão entre os grupos, a fim de que os participantes não possam se ver antes do pano abaixar.

dicas

- Outras opções:
- Zip-zap-zop: fazer um círculo; o coordenador deve dizer aleatoriamente as palavras zip, zap, zop. Quando o coordenador fala "zip", as pessoas falam alto, ao mesmo tempo o próprio nome; ao falar "zap", todos devem dizer o nome do colega à direita; e "zop", os da esquerda; Quando o coordenador disser "zip-zap-zop", todos mudam de lugar.
 - Círculo, canudo de jornal. No centro, alguém fala o nome de uma pessoa e se dirige a ela para encostar um bastão no braço. Se a pessoa chamada falar antes o nome de outro componente do grupo, fica no lugar; senão toma o centro do grupo.

- Formar duplas a partir de critérios variados, por exemplo, nomes que comecem com a mesma letra, cor da meia, data de nascimento, pintar um traço colorido no rosto etc. Os parceiros brincam com o som dos nomes, juntando-os e buscando um ritmo que combine com eles. Usar um chocalho (pode ser lata de refrigerante com arroz) para ajudar.

Funcionou bem, animando e descontraindo o grupo. Em duas oficinas, utilizamos a brincadeira do ritmo como final da primeira parte, depois do trabalho com as expectativas e antes da parada para o lanche. A atividade do círculo só foi realizada numa oficina, porque sentimos que havia excesso de trabalhos nesta parte.

nossa experiência

objetivo

Reconhecimento do lugar, dos participantes, quebra-gelo, aproximação física.

descrição

Solicitar que os participantes andem pela sala, olhem os espaços, reparando no que a sala tem, ouvindo todos os sons, prestando atenção no modo de andar;

Pedir que andem apenas em linha reta e mudem de direção ao encontrarem alguém;

Continuar andando e, ao encontrar alguém, fazer um cumprimento sem palavras;

Continuar andando e, ao encontrar alguém, fazer um cumprimento com palavras ou barulhos inventados;

Continuar andando e, ao encontrar alguém, fazer uma careta; e assim por diante, usando a imaginação, mas sem cansá-los.

pré-condições

É preciso haver espaço para que os jovens possam circular no ambiente; também é necessário que o lugar esteja limpo e cuidado, para favorecer a sensação de bem-estar.

dicas

Mudar as regras várias vezes, para ficar mais dinâmico, mas sem exagerar para não atropelá-los. Por exemplo: "*agora todos virando para a direita*", "*agora se esbarrando com os ombros*", "*agora com o quadril*" etc. Usar música suave para a parte inicial da atividade.

nossa experiência

Ainda neste momento, alguns jovens não pareciam completamente à vontade, mas a movimentação física ajudou-os e muitos se soltaram mais.

objetivo

Criar uma integração maior a partir da organização em duplas; apresentar cada um para o grupo todo; conhecer alguns interesses dos jovens através das perguntas que formulam aos colegas e de suas respostas.

descrição

Em duplas, cada participante elabora perguntas para entrevistar seu parceiro; faz a entrevista e, em seguida, responde às perguntas do outro; por fim, cada um apresenta seu parceiro para o grupo todo, a partir da entrevista.

dicas

É interessante observar nesta atividade não apenas a dinâmica que se cria no grupo, mas também as perguntas elaboradas por eles para as entrevistas. A partir delas, já se pode ter um primeiro termômetro de temas ou questões que mobilizam o grupo considerado.

pré-condições

É melhor quando os pares formados não se conhecem previamente. Desta forma, a atividade despertará a curiosidade das duplas, tornando-se mais interessante. Caso isto não seja possível, pode-se propor que a entrevista gire em torno de questões mais inusitadas.

nossa experiência

Já a partir desta atividade pudemos constatar diferenças básicas entre os grupos com os quais trabalhamos: no bairro do centro da cidade, o grupo colocou mais abertamente temas como drogas e sexo, o que não ocorreu nas outras duas localidades onde estivemos. De modo geral, foi uma atividade descontraída e que lhes prendeu a atenção.

Entrevista de apresentação

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

objetivo

Favorecer o envolvimento com a oficina e a tomada de consciência das vontades e expectativas dos participantes.

descrição

Andar silenciosamente pela sala ou sentar comodamente na carteira com olhos fechados para cada um ir pensando nas expectativas com relação ao restante do trabalho. Fazer uma roda e *"Falar alto uma palavra que expresse o sentimento em relação às oficinas"*. Abrir para comentários gerais das palavras escolhidas.

pré-condições

Ter sido preparado um trabalho com o grupo e que já se tenha conversado sobre os objetivos gerais do trabalho. Caso contrário, seria difícil expressar expectativas frente a algo desconhecido.

dicas

As palavras dão a pista de como o grupo está se sentindo com relação ao trabalho. O tom geral do grupo pode ajudar no encaminhamento das atividades que virão a seguir.

Outra alternativa é fazer um processo mais longo. *"Agora, conte o que você acha que viemos fazer aqui neste final de semana. Ouça o que o/a parceiro/a acha. Mude de parceria ao sinal da coordenadora. Troque novamente de par para contar o que você acha que vai acontecer e como você está se sentindo"*.

Os coordenadores devem anotar em um painel as palavras que foram ditas pelos participantes. Formar grupos e conversar rapidamente sobre as expectativas de cada um. O mesmo com quatro pessoas, se for necessário. Conversar e fazer rapidamente uma imagem que represente essa expectativa para uma foto. Tirar a foto dessa imagem. Cada grupo apresenta-se para que todos possam ver a imagem.

Fizemos a dinâmica mais rápida, pois o grupo já havia feito vários aquecimentos e atividades de integração e usamos a idéia da foto (sem máquina) para fechar esta parte do trabalho.

nossa experiência

objetivo

Para o educador, ajuda na investigação de aspectos da realidade dos jovens; para os jovens, é uma possibilidade de auto-conhecimento, desenvolvendo o olhar que eles têm sobre si mesmos.

descrição

Com os participantes sentados ou deitados confortavelmente, fazer relaxamento ouvindo uma música calma, de olhos fechados. O coordenador, pausadamente, vai fazendo uma "viagem" pelo corpo todo, de modo que eles possam sentir cada parte nomeada por ele, como por exemplo: *"Sintam agora seus pés dentro dos sapatos; relaxem os dedos; sintam a sola dos pés em contato com a meia ou o sapato; sintam a perna; cada pedacinho de músculo; percebam como eles são fortes, cheios de vontade de correr,..."*. Depois de bem relaxados, o coordenador avisa aos participantes que, bem devagar, eles devem ir abrindo os olhos e quando sentirem ser possível, passem a preencher as fichas que vão sendo entregues, ou foram colocadas anteriormente ao lado deles.

pré-condições

Preparo do material: fichas específicas para anotação (ver anexo); colchonetes ou almofadas para permitir que escolham posições confortáveis para o relaxamento; músicas e aparelho de som. O lugar deve estar limpo e não ter barulho. Devem ser evitadas possíveis interrupções, a fim de permitir o relaxamento desejado.

dicas

Na falta de colchonetes ou almofadas, outros materiais podem ser improvisados, tais como casacos, moletons ou mochilas, que podem ser aproveitadas como travesseiros. Se a opção for colocar a ficha ao lado do participante, fazê-lo sem barulho ou qualquer interrupção ao relaxamento; preparar pranchetas, materiais como tintas, canetas, lápis de cor, mas sem tumulto, de modo a não perder o clima de introspecção criado pelo relaxamento.

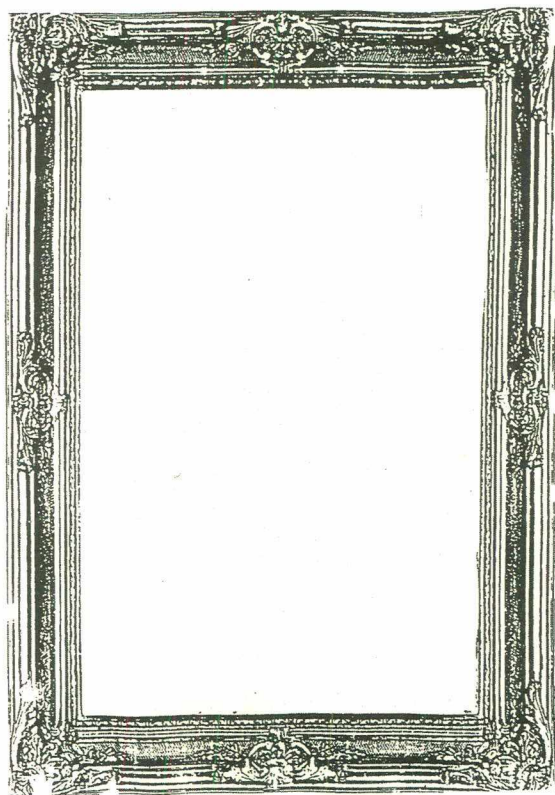
O desenho que os participantes fizeram de si recebeu atenção especial de muitos, mesmo durante a seqüência das atividades, uma vez que o interesse que eles têm sobre sua imagem é grande. Esta atividade, portanto, exige tempo e tranquilidade. Além disso, havia as fichas de “localização” de cada um em relação ao grupo classe, escola e comunidade que gostaram bastante. Utilizamos uma música suave como fundo para toda a atividade.

Realizamos esta atividade para investigar o item “subjetividade”. [ver item II]

nossa experiência

NOME:

RAIO X



Meu Retrato

Gosto que me chamem de

Tenho anos.

NOME:

RAIO X

Família:.....

Profissão:.....

Renda:

Ocupação:.....

Programas legais (lazer):.....

Onde vive:.....

Brasil:

Bairro:

Problemas atuais:.....

Problemas resolvidos:

Sonhos:

Medo:

Raiva:

Vontades:

Felicidade:

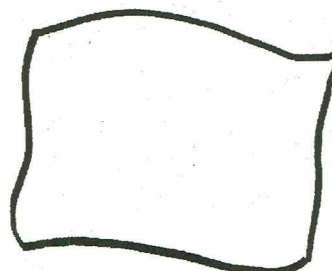
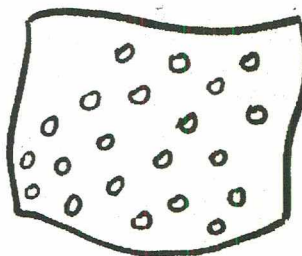
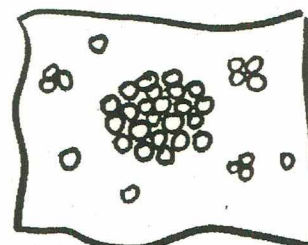
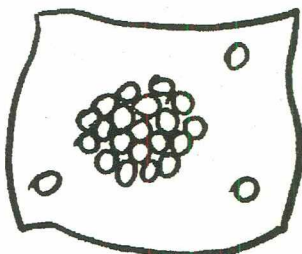
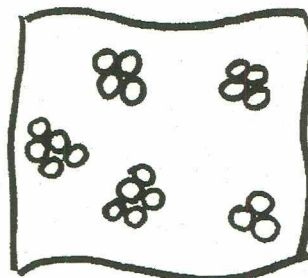
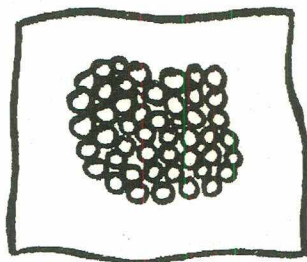
Saudade:

Susto:

Pessoas que admiro e porque:

NOME:

⇒ Como você percebe sua classe?

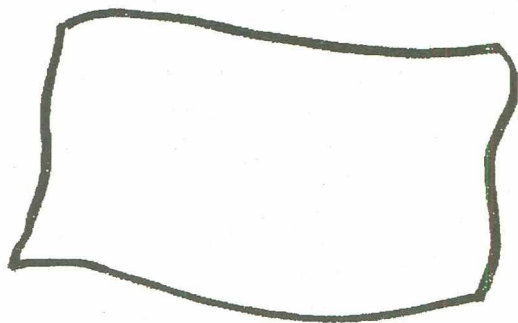


Outra forma de representá-la

⇒ Explique por que...

NOME:

⇒ Repita o desenho do quadro que você escolheu.

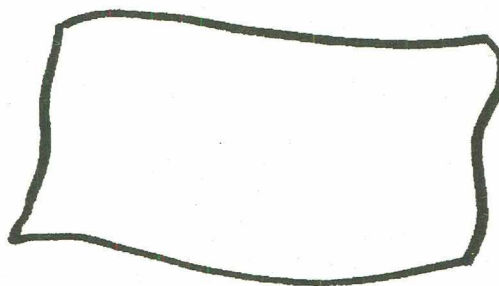


⇒ Agora pinte, no seu desenho, a bolinha que representa você.

⇒ O que você sente a respeito disso?

⇒ Pense em outro grupo (família, trabalho, igreja, bairro ou outro que você queira).

⇒ Represente como você percebe este grupo e pinte a bolinha que representa você.



⇒ Diga algo a respeito, fale como você se sente neste grupo.

objetivo

Para o educador esta atividade serve para investigar as expectativas dos jovens quanto a seu futuro e coisas que valoriza; para o jovem, é uma forma de auto-conhecimento, um mapeamento de seus projetos de vida e reflexão sobre eles.

aquecimento

Exercício de personagens:

- andar pela sala experimentando vários movimentos, esticando-se, abaixando-se, imitando alguém;
- andar pela sala experimentando vários jeitos de ser. Características físicas: alto, magro, gordo, baixo, leve, pesado, feio, bonito etc. Estados emocionais: alegre, triste, pensativo, bravo, saltitante, preocupado, despreocupado, apressado, atrasado, entediado, chateado, assombrado, desprezado etc. Profissões: vendedor, motorista, office-boy, médico, porteiro, dentista, professor etc.

descrição

Conduzir os participantes através de um "túnel do tempo" (pano estendido por duas pessoas fazendo um túnel bem comprido) induzindo-os a pensarem nas mudanças, em tudo o que aconteceu e foi preciso viver para serem o que são "hoje", dez anos mais velhos. Distribuição das fichas e, ao final, conversa geral. Depois, fazer o retorno do túnel do tempo para o tempo real.

pré-condições

Pano comprido a ser esticado por duas pessoas; fichas de futuro previamente preparadas. O grupo precisa estar envolvido com a tarefa para topar a fantasia de "ir para o futuro".

dicas

Ir gradualmente diminuindo o tempo em que experimentam cada personagem no aquecimento. Quando terminarem de passar o túnel, usar sempre o tempo verbal no presente ao se referir ao

futuro, de modo a concretizar a idéia de que eles estão vivendo ali como se fossem dez anos mais velhos.

O aquecimento foi vivido por alguns como um exercício de teatro que animou bastante, fazendo-os rirem uns dos outros. Outros mostraram-se tímidos, preocupando-se mais em observar do que realizar a atividade. De qualquer forma, o grupo, vivendo ou se projetando, imaginava-se de diferentes formas. O túnel do tempo atraiu o interesse geral e o retorno ao tempo real foi um pedido deles que não se conformavam em ser "mais velhos" no presente. Na primeira oficina, fizemos também o retrato com dez anos a mais, mas retiramos esta atividade das outras duas porque percebemos que, apesar do envolvimento, ela gerou um certo cansaço.

Realizamos esta atividade para investigar o item "subjetividade". [ver item II]

nossa experiência

NOME:

Salto no futuro...

RADAR

Hoje, dia 13 de setembro de 2007, minha vida.....

.....
Família:.....

Profissão:.....

Renda:

Ocupação:.....

Programas legais (lazer):.....

Onde vive:.....

Brasil:

Bairro:

Problemas:

Problemas resolvidos:

Sonhos:

Medo:

Raiva:

Vontades:

Felicidade:

Saudade:

Susto:

Pessoas que admiro e porque:.....

.....

objetivo

Aprofundamento sobre identidade, socialização e auto-imagem do jovem; investigação sobre pessoas importantes na história de vida dele (rede de relações), e como se percebe em relação a estas pessoas; para o jovem, é a possibilidade de elaborar um momento de sua própria história.

aquecimento

Todos sentados, recostados ou deitados confortavelmente de olhos fechados. O coordenador conduz os jovens à lembrança de várias situações de vida, desde o nascimento até chegar ao dia de hoje; pausadamente, ele lembra que vivemos em muitos lugares, com diferentes grupos, família, escola, trabalho, galera do bairro, time, igreja etc. Por exemplo, *"Vocês nasceram e têm uma família. Olhem para cada pessoa de sua família,..."*; *"Vocês cresceram e foram para a escola, lembrem-se de sua vida escolar, dos amigos, das professoras, desde que vocês eram bem pequenos..."*. Como num filme, deve-se fazer com que eles percorram várias situações que tenham vivido, até ficarem com uma lembrança: a de uma cena importante. *"Lembrem-se das pessoas, animais, características de um destes grupos que fizeram vocês serem o que são hoje. Façam como que uma foto desta cena e olhem pra ela. Lembrem-se com detalhes de onde estavam, as cores do lugar, os cheiros, que pessoas estavam presentes, o que aconteceu, quem falou o quê, o que vocês sentiram..."*.

descrição

Usando um conjunto de massinhas e um pedaço de papelão como suporte, construir a cena escolhida, detalhando lugares, pessoas, animais, etc, presentes à cena lembrada.

Elaborar um texto descrevendo a cena. *"O que ela diz para você? Quem são estas pessoas na sua vida? Qual a importância da cena na forma como você age hoje?"*

Formar grupos de cinco pessoas; cada um mostra seu trabalho com a massinha e relata sua cena. Cada grupo escolhe uma cena que seja significativa para todos. Dramatiza-se ou relata-se a cena escolhida para o grupo maior, com o objetivo de compartilhar as histórias, sentimentos e emoções. Esta parte, pode ser substituída por uma conversa geral sobre como foi a realização da tarefa e quais aspectos gostariam de comentar.

É preciso um ambiente de confiabilidade para permitir esse aprofundamento. Matéria: massinha, cartolinas para servir de base, aparelho de som e música que inspire um sentimento de "recordação" da infância, de momentos vividos.

Esta é uma atividade delicada, pois pode retomar momentos importantes do passado do jovem. Só pode ser realizada num ambiente calmo, de confiança e de solidariedade. Além disso, é preciso deixar espaço para que cada um possa falar o que tem vontade sobre o tema, sem forçá-los. A questão "*E como está esta história para você hoje?*" pode ajudar o jovem a elaborar a maneira de se relacionar com a cena vivida. É importante não tecer comentários moralistas ou valorativos sobre as falas dos jovens. Além disso, deve-se tomar um cuidado especial para que ninguém de fora interrompa a atividade.

Inicialmente havíamos nomeado a atividade como "massinha", por conta do material utilizado, mas isso gerou um certo incômodo. Alguns jovens acharam que se tratava de uma brincadeira de criança. Enquanto iam trabalhando, isto foi passando e a construção da cena e o relato se tornaram momentos de forte emoção

pré-condições

dicas

nossa experiência

para o grupo, dada a importância das cenas relatadas. À medida que as histórias pessoais eram contadas, os grupos pareciam cada vez mais comprometidos e as reações foram muito adequadas. Houve, por exemplo, um respeito silencioso quando se tratou da morte do avô de um dos participantes, ou a surra de uma garota. Num dos grupos, uma jovem não quis comentar a cena no grupo grande e foi respeitada por todos. Quanto às dramatizações, não pudemos realizá-las como planejamos (só fizemos com o primeiro grupo), pois havia pouco tempo para desenvolvê-las adequadamente. Usamos durante esta atividade, a música "Trenzinho", de Villa Lobos.

Realizamos esta atividade para investigar o item "subjetividade" e também alguns dos aspectos do item "socialização".
[ver item II]

objetivo

Elaboração da “cena significativa”; produção escrita sobre a cena construída; desenvolvimento dos objetivos da atividade anterior.

descrição

Cada participante olha novamente para a cena individual feita com a massinha. Escolhe a pessoa mais importante na vida dele/dela hoje e escreve uma carta a esta pessoa falando-lhe da cena e das razões por que esta situação foi importante para ele/ela ser hoje o que é (o participante pode também escrever para si próprio). Colocar uma música tranquila de fundo.

pré-condições

Realização prévia da dinâmica de aquecimento que propicia um estado de relaxamento e o contato do jovem consigo mesmo.

dicas

Evitar interferências. Esta é uma atividade introspectiva em que o jovem, ao escrever, está cuidando de si mesmo.

nossa experiência

Foi uma atividade importante em decorrência da intensidade das cenas escolhidas. Todos se concentraram e escreveram imediatamente. Alguns alunos chamavam discretamente os pesquisadores, pedindo-lhes auxílio técnico na escrita da carta, no que foram atendidos individualmente, de modo a não atrapalhar o envolvimento dos outros. Notamos que tinham grandes dificuldades na escrita, nesta e em outras atividades, considerando-se o nível de escolaridade em que se encontravam, mas isto não foi comentado. Muitos espantaram-se com a quantidade de textos que produziram sem perceber, pois diziam não gostar de escrever.

Realizamos esta atividade para investigar o item “subjetividade” e também alguns dos aspectos do item “socialização”.
[ver item II]

objetivo Investigação sobre o processo de socialização: identificação dos lugares/pessoas/grupos significativos no bairro onde os jovens moram; conhecimento de outra forma de expressão e de olhar sobre o mundo: a fotografia.

descrição Conversar sobre as possibilidades de registro/significado de uma foto, o que é possível registrar: o feio, o bonito, o amado, o triste, o que quero mudar, o que gosto etc. Os diferentes sentidos: a lembrança, o documento, a arte etc. Aula sobre técnicas de fotografia - luz, disparo, enquadramento - , manuseio da máquina, leitura de algumas fotos publicadas (publicitárias, documentais, artísticas, etc.). Conversar sobre o objetivo da atividade com as máquinas fotográficas: tirar fotos mostrando a comunidade e o lugar onde os participantes moram, como se fosse uma reportagem. Explicar o que se entende por "lugar onde mora": os locais, as pessoas, a família, outras coisas que os participantes considerem importante para representar o lugar onde eles moram. Proposta de concentração individual, sentados ou recostados, para pensarem um pouco nas fotos que querem tirar, buscando na memória os lugares, pessoas, situações já vistas. Conversa em duplas para troca de idéias e registro do planejamento desta "reportagem" numa folha de papel. Ensaio para utilização da máquina.

pré-condições Conhecimento prévio do educador (ou profissional convidado) sobre a técnica fotográfica. Material: livros de fotos, e diferentes fotografias que sirvam de exemplo para a aula; máquinas e filmes para cada participante; papel e lápis para o planejamento.

O contato com uma máquina fotográfica costuma trazer excitação, fazendo com que os participantes não escutem as orientações e só queiram olhar a máquina. Por isso, é preciso um tempo para que, antes de pegá-las, eles tenham acompanhado as instruções de uso. É preciso ajudá-los de perto no modo como seguram a máquina, se não põem o dedo na frente da objetiva, como colocam o filme, se ficam parados ao fotografar etc.

Houve entusiasmo geral com a atividade e com o material. A idéia de colocá-los em contato direto com um profissional do ramo foi importante. Eles ficaram muito interessados em todos os detalhes expostos durante a aula.

Realizamos esta atividade para investigar o item “socialização”. [ver item II]
[ver o volume 2 desta coleção]

dicas

nossa experiência

objetivo	Aquecimento e aproximação ou reaproximação entre os jovens.
descrição	Em círculo, cada um deve representar a forma como costuma acordar. Espreguiçar, falar alto como é chamado de manhã etc. Fazer cenas relâmpago desta situação caseira.
pré-condições	Haver conhecimento entre os participantes e relação de confiança entre eles.
dicas	Dar um exemplo e começar pelo próprio coordenador, para quebrar o gelo de possíveis constrangimentos. É um aquecimento fácil e divertido.
nossa experiência	Rapidamente criou-se um ambiente de descontração a partir das intimidades que eram divididas. Realizamos esta atividade para investigar o item "socialização". [ver item II]

objetivo

Investigação sobre o processo de socialização: identificação dos lugares/pessoas/grupos significativos para os jovens no bairro onde moram; conhecimento de outra forma de expressão e de olhar sobre o mundo: a fotografia (ver dicas).

descrição

Releitura do planejamento feito e conversa sobre os lugares e situações escolhidos. Retomar o objetivo da atividade, combinando o horário de retorno e a possibilidade de ajuda caso alguém tenha dificuldades. Saída para fotografias em duplas ou trios.

pré-condições

Disponibilidade de tempo e segurança na região para que se possa circular com máquinas e tirar fotos. É necessário o estabelecimento de uma relação de confiança com os jovens para que possam ir e voltar da tarefa sem que seja necessário designar um educador para acompanhar cada um dos grupos. Material: câmera ou outro instrumento que possa substituí-la na função de registrar o olhar sobre seu ambiente, como por exemplo desenho ou pintura.

dicas

Dividir a equipe de educadores para acompanhar alguns dos grupos e deixar um educador em local que possa ser procurado por todos. Se houver algum lugar considerado perigoso pelo acesso ou segurança, divulgar previamente que este deve ser evitado. Orientar os jovens sobre como abordar alguém para ser fotografado, pedindo antecipadamente, agradecendo etc.

A atividade de retratar o lugar em que os jovens vivem serve para desenvolver o olhar que eles possuem sobre o ambiente em que vivem; por isso, em lugar da fotografia podem ser utilizadas outras técnicas, como o desenho ou a pintura.

O horário de retorno variou bastante, dada a dispersão da atividade. O vínculo que havíamos estabelecido anteriormente foi suficiente para que não tivéssemos problemas. Alguns jovens encontraram dificuldades com a colocação do filme, o que fez com que perdessem fotografias. Houve uma excitação geral com a realização da atividade. Percebemos que o uso que normalmente faziam de uma máquina de fotografia era para tirar fotos de pessoas. Por este motivo, pedimos no início, que eles tirassem fotos do grupo e dos amigos presentes na oficina, para abaixar a ansiedade de terem fotos de si e dos amigos. Depois propusemos a saída para fotografar o bairro. Na volta, cada um demonstrou muito entusiasmo em relatar sua experiência e, ainda que alguns tivessem tirado muitas fotos de pessoas, ficou claro que tinham circulado pelo bairro de uma forma nova, percebendo lugares e pessoas de um jeito diferente.

Realizamos esta atividade para investigar o item “socialização”.
[ver item II]

nossa experiência

objetivo

Investigação sobre o processo de socialização: identificação dos lugares/pessoas/grupos mais significativos no bairro onde mora. Produção de uma imagem que cristaliza um momento neste processo.

aquecimento

Os participantes devem ficar deitados, de olhos fechados, com música suave ao fundo. O coordenador procura induzi-los a reconstruir mentalmente o caminho feito para tirar as fotos. Começar pela aula de fotografia, a vontade de tirar fotos, o planejamento do que seria fotografado, o percurso para tirar as fotos. Passar calmamente em cada situação para que tenham tempo para visualizar e sentir. Dizer algo como: *"Agora as fotos já foram reveladas e você está olhando uma a uma. As fotos estão ótimas. Olhe a primeira, veja os detalhes do seu enquadramento, o que você quis mostrar com ela. Veja a seguinte e, devagar, todas as outras. Escolha a mais bonita. Observe-a bem. Verifique todos os detalhes: o cenário, as cores, as pessoas etc."*

descrição

Os participantes descrevem (utilizando o papel e o lápis que foram colocados ao lado deles durante a atividade anterior) a foto escolhida e contam por que ela foi a escolhida. *"Qual a importância dela?"*. Deve-se pedir a eles que tentem descrever com o maior número de detalhes possível. Uma vez feito isso, formam-se pequenos grupos em que cada um conta qual foto escolheu, como era, por que foi escolhida. Cada grupo deverá escolher uma foto e elaborar uma "legenda" para ela, a fim de apresentá-la aos demais participantes. Em seguida, propõe-se uma cena ou uma conversa geral sobre as fotos escolhidas pelos grupos.

pré-condições

Realização da atividade anterior (saída para as fotos). Material: aparelho de som e música, colchonetes ou almofadas, papel e lápis.

A riqueza da experiência pode trazer muito material para reflexão: é importante permitir que cada um fale de sua vivência ou das escolhas dos grupos com a menor interferência possível.

O envolvimento e a satisfação com a realização da etapa anterior já foi um ótimo aquecimento para o sucesso desta atividade. Foi muito interessante a proposta da escolha de uma foto que ainda não havia sido revelada e o que falaram e escreveram sobre ela, porque algumas destas fotos, na verdade, quando reveladas, ficaram escuras, tremaram, não saíram, ou até não tiveram o enquadramento esperado pelo jovem. A proposta foi interessante, mas não conseguimos executá-la em todos os grupos devido ao atraso, em relação ao tempo previsto nas atividades anteriores. A discussão sobre os lugares escolhidos foi rica e mostrava a diversidade de temas e interesses.

Realizamos esta atividade para investigar o item "socialização". [ver item II]

dicas

nossa experiência

Descrição da fotografia lembrada

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or green ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page or a sheet of stationery. There is no handwriting or other markings on the page.

Legenda para a foto lembrada

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

objetivo

Investigação do processo de socialização: fazer com que os jovens se descolem de suas realidades particulares e possam pensar nelas criticamente, a partir da discussão em grupo de seus ideais.

descrição

Apresentação da tarefa. Como aquecimento pode se estabelecer uma conversa a respeito das características significativas da comunidade em que os jovens vivem. Em seguida, apresenta-se a proposta: os participantes irão se reunir em grupos pequenos e, utilizando sucata disponível, construirão uma maquete que represente o que seria para o grupo um lugar ideal para se viver.

Acompanhamento das atividades do grupo. Nesta atividade é muito importante que os coordenadores estejam atentos às dinâmicas estabelecidas no interior de cada grupo, identificando como o grupo definiu o que é e o que deve haver em um lugar ideal; como foi criado o espaço de cada um ao decidir o que fazer; como os jovens interagiram entre si na troca de soluções, sugestões, materiais e instrumentos. Todos estes pontos são importantes para serem discutidos com eles ao final.

Apresentação e debate sobre os resultados. Após a construção das maquetes, cada grupo deve apresentar a sua, explicando as soluções encontradas e justificando seu lugar ideal. É um bom momento para trazer à tona os valores e ideais do grupo e construir uma visão crítica de seu próprio lugar de referência.

pré-condições

Disponibilizar grande quantidade e variedade de sucata.

dicas

Nesta atividade é interessante observar a dinâmica que é criada entre os membros dos grupos, percebendo como são tomadas as decisões a respeito do que será construído, a fim de comparar

isso com as justificativas expressas na apresentação para os outros grupos. Notam-se aí os valores ou temas que são mobilizados por eles para construir este lugar imaginário. Há momentos em que pode ser necessário intervir na dinâmica do grupo, ajudando-os a se integrarem melhor ou a resolverem algum impasse. É importante também determinar anteriormente o tempo destinado a esta atividade, caso contrário ela pode se estender indefinidamente, pois sempre há como detalhar mais a maquete construída.

Pudemos observar dinâmicas muito variadas nas localidades onde realizamos a oficina: num deles, a facilidade de lidar com sucata era muito grande e isto fez com que o trabalho de construção do lugar ideal fosse iniciado sem nenhum planejamento; em outro, havia maior dificuldade em imaginar possibilidades de lidar com o material, o que demandou maior tempo até que os participantes decidissem o que iriam fazer. De modo geral, esta atividade envolveu todos os participantes e despertou uma interessante conversa a respeito de suas próprias localidades ao final.

nossa experiência

objetivo

Criar um momento de introspecção.

descrição

A coordenadora da atividade leu a “História do gigante egoísta” de Oscar Wilde, procurando fazê-lo com bastante expressividade.

dicas

É preciso ter várias histórias para serem contadas e escolher a mais adequada para o grupo e o momento.

pré-condições

Estabelecer um ambiente de silêncio, em que todos estejam bem acomodados. A leitura deve ser bem treinada anteriormente, a fim de que ela possa se realizar com emoção. Não pode haver interrupções.

nostra experiência

Escolhemos esta história porque ela, de alguma maneira abordava temas que haviam surgido nas atividades anteriores. Os jovens ouviram atentamente e gostaram dela. Não fizemos muitos comentários.

objetivo

Produção de um texto que expresse uma reflexão do jovem sobre o que entende por saber e que tipo de saberes são significativos para sua experiência de vida.

descrição

O coordenador apresentou uma situação provocativa: um encontro com um ET, recém chegado à Terra para aqui viver/ou levar informações para seu planeta que tem uma grande preocupação com a paz no Universo. Em seguida, os participantes se reuniram em grupos para discutir e escrever uma lista do que ensinariam ao ET que nada sabe sobre os seres humanos: *"quais conhecimentos seriam necessários para ele? onde e com quem ele poderia adquiri-lo?"*. *"Que lugares ou pessoas seriam importantes conhecer?"* Após o tempo estipulado para a atividade, cada grupo apresenta seu texto para os outros. Num segundo momento, entrega-se uma folha de papel a cada um (vide ficha em anexo) e propõe-se que eles escrevam um texto respondendo à pergunta: *"De tudo o que aprendi e vivi, o que foi mais importante para eu ser o que sou hoje?"*

dicas

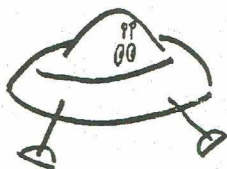
É importante haver um aquecimento anterior que estimule os jovens a pensar nesta questão, tais como contar uma história, levantar algumas idéias em conjunto com eles.

pré-condições

É preciso que o clima seja de introspecção para que eles possam pensar em sua experiência e escrevê-la.

nossa experiência

Em um dos grupos esta atividade desencadeou uma grande discussão a respeito da escola e das formas de aprendizado promovida por ela.



ROTEIRO:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

ESCRITA DOS SABERES

De tudo o que aprendi e vivi, o que foi importante aprender?
Quem me ensinou?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

objetivo

Levantar os pontos fortes e fracos da oficina. Fazer um fechamento geral das atividades.

descrição

Cada um deve falar alto uma palavra que sintetize o que achou da oficina. Os coordenadores escrevem as palavras na lousa ou em um painel pendurado. Em seguida é feita uma discussão sobre o que foi dito, comparando as palavras da avaliação com as da expectativa, escritas no primeiro dia pelos participantes.

Em folhas de papel distribuídas aos participantes, cada um deve escrever o que leva da experiência da oficina para si e o que deixa para os coordenadores. As folhas são então depositadas num baú de “lembranças” (caixa forrada de papel).

Tirar uma foto (sem máquina) do grupo, para ser levada de lembrança por todos. Caprichar na pose, compará-la com a inicial.

dicas

É sempre importante fazer uma avaliação final para encerrar a oficina, mas nem sempre o melhor é falar demais, já que, depois de tantas atividades, todos estão muito cansados.

pré-condições

Ter vivenciado algumas experiências que possam ser avaliadas.

ossa experiência

Apesar do cansaço, as palavras, a imagem para a foto, os textos que recebemos foram muito expressivos e nos contaram muito do impacto e do interesse nas oficinas.

PERFIL DOS JOVENS PARTICIPANTES DA OFICINA



Participaram de nossas oficinas-pesquisa 50 jovens de 3 regiões da cidade de São Paulo.

O perfil básico dos participantes foi o seguinte:

DISTRIBUIÇÃO POR SEXO	
sexo	n° de participantes
fem	29
masc	21

DISTRIBUIÇÃO POR IDADES	
idade (anos)	n° de participantes
13	11
14	13
15	14
16	7
17	5
total	50

DISTRIBUIÇÃO POR TRABALHO	
jovens que trabalhavam na época da oficina	jovens que não trabalhavam na época da oficina
8	42

RELAÇÃO IDADE/SÉRIE ESCOLAR

relação idade/ano escolar = anos de atraso na escola

anos de atraso	n ^o de jovens
0	12
1	15
2	10
3	9
4	3
5	1

PERFIL DOS JOVENS PARTICIPANTES

nome	porque quis participar	idade	série	trabalha?
MA1	conhecimento legal/gosto na escola	13	7 ^a	sim
BE1	interesse/atividades muito educativas	13	6 ^a	não
BE2	saber como é	13	6 ^a	não
BE3	coisa nova	13	6 ^a	não
BE1	aprender	13	7 ^a	não
BE2	legal	13	7 ^a	não
BE3	curiosidade	13	6 ^a	não
BE4	chance	13	6 ^a	não

PERFIL DOS JOVENS PARTICIPANTES				
nome	porque quis participar	idade	série	trabalha?
MA2	interessante poder falar e os outros escutarem	13	7 ^a	não
MA3	legal falar do que pensa	13	6 ^a	não
MA4	vou aprender muito	13	7 ^a	sim
MA5	tirar dúvidas	14	7 ^a	não
BE4	novos amigos	14	7 ^a	não
BE5	interesse por assuntos culturais	14	8 ^a	não
BE6	nada p/ fazer	14	8 ^a	não
BE7	interessante aprofundar idéias dos jovens	14	8 ^a	não
BE8	ver como é	14	8 ^a	não
BE5	aprender	14	7 ^a	não
BE6	saber	14	8 ^a	não
BE7	bom para o futuro	14	6 ^a	sim
BE8	interessante	14	8 ^a	não

PERFIL DOS JOVENS PARTICIPANTES

nome	porque quis participar	idade	série	trabalha?
MA6	quero conhecer	14	7 ^a	não
MA7	divertido/ aprender algo	14	8 ^a	não
MA8	gosto de fazer	14	7 ^a	sim
BE9	-	15	8 ^a	não
BE9	curiosidade	15	7 ^a	não
BE10	conhecer mais	15	7 ^a	não
BE11	-	15	7 ^a	não
BE12	interessante	15	7 ^a	não
BE13	interessante participar de cultura e ação comunitária	15	7 ^a	não
BE14	me interessou	15	8 ^a	sim
BE10	aprender	15	8 ^a	não
BE11	fotografia	15	6 ^a	não
BE12	aprender/legal	15	7 ^a	não
BE13	bom p/ carreira	15	6 ^a	não
MA9	teatro/conhecer pessoas	15	7 ^a	não
MA10	interessante se comunicar c/ outros da idade	15	8 ^a	sim

PERFIL DOS JOVENS PARTICIPANTES				
nome	porque quis participar	idade	série	trabalha?
MA11	curiosidade	15	7 ^a	não
BE15	coisas novas	16	7 ^a	não
BE16	não posso nada em casa	16	7 ^a	não
BE14	pelas atividades	16	6 ^a	não
BE15	por gostar de desenho	16	7 ^a	não
BE16	aprender	16	6 ^a	não
MA12	poder expressar vontades	16	8 ^a	não
MA13	legal/ interessante	16	7 ^a	não
BE17	para conhecer pessoal do bairro	17	7 ^a	não
BE17	interessante	17	8 ^a	não
BE18	crescer	17	8 ^a	não
BE19	fotografia	17	8 ^a	sim
BE20	interessante/ aprender	17	6 ^a	sim

PERFIL DAS LOCALIDADES



MA

*Os locais estão identificados com siglas para preservar os participantes das oficinas.

MA é um bairro situado na zona sul de São Paulo em uma região de bastante violência. Compreende uma favela e residências de média e baixa renda. A favela, de tamanho pequeno, vem passando por um processo de reurbanização, sendo cerca de 85% de suas casas de alvenaria. Há um grande movimento de adensamento populacional na região. Além disto, a região mais próxima a MA vem se tornando um importante pólo comercial da cidade: lá estão se instalando filiais de grandes cadeias comerciais e sedes de importantes empresas. Todo este movimento nos possibilita afirmar que MA passa atualmente por um período de mudança no seu perfil, com grande aumento na oferta de serviços.

De forma geral os moradores desta região apresentam baixa escolaridade e pouca especialização profissional. Há, entretanto, uma boa oferta de escolas públicas. O bairro MA conta com sete escolas públicas, sendo seis estaduais e uma da Prefeitura.

Em conversa com a supervisora de ensino da Delegacia de Ensino da região, ela ressaltou que, embora a população seja atendida pelas escolas, ela é mal atendida, já que há superlotação nas classes. Ressaltou, assim, a falta de vagas na região devido à demanda crescente vinda do intenso adensamento populacional por que passa.



BE

BE é uma localidade de antiga ocupação na cidade, na verdade parte de um bairro central de São Paulo. Sua população é bastante variada, pois compõe-se de antigos moradores de renda média; uma população de baixa renda, muitos dos quais moradores de cortiços instalados em seus antigos casebres; e uma intensa população flutuante, que circula por suas ruas em busca de produtos oferecidos pelo comércio local, ou em busca de entretenimento, encontrado em sua agitada vida noturna, com muitos restaurantes, bares, teatros. Além disto, é uma localidade que interliga várias regiões, sendo cortada por algumas avenidas de intenso fluxo de automóveis.

Há na região várias escolas públicas. Pode-se dizer que três delas concentram a maior parte dos moradores do local. Nestas escolas, nos deparamos muitas vezes com situações de conflito, brigas entre alunos, relações tensas entre jovens, professores e direção. Também não são incomuns histórias de evasão escolar, de envolvimento com drogas e gangues do bairro. Estes aspectos, entretanto, devem ser vistos apenas como uma parte do contexto vivido pelos jovens. Vale ressaltar outros, deste contexto, tais como a existência de um importante centro educacional que serve de referência para muitos jovens, oferecendo-lhes atividades complementares à escola, com reforço escolar, atividades recreativas e profissionalizantes (principalmente até 14 anos) e refeições, além de encaminhar os mais velhos para estágios. Muitos dos jovens que se inscreveram em nossa oficina participavam ou já haviam participado das atividades deste Centro.



PA

PA é uma favela encravada no meio de um bairro de população de alta renda da cidade de São Paulo. Vários dos novos edifícios de classe alta deste bairro se encontram em suas bordas, fazendo parte do “horizonte” das casas da favela, uma paisagem que a emoldura. Sua população é estimada em mais de 30 mil habitantes e de acordo com o Mapa da Exclusão da Cidade de São Paulo, encontra-se entre os distritos da cidade considerados de médio risco em termos de violência.

A favela é atravessada por algumas ruas principais precariamente asfaltadas, sendo a maior parte de terra, por onde circulam carros, ônibus e lotações. É ladeada não apenas por estas moradias de classe alta, “as mansões” como vários dos jovens mencionaram, mas também por comércio e serviços especializados destinados a esta classe, lugares mencionados pelos jovens como referência de trabalho ou lazer.

Há duas escolas que servem quase que exclusivamente à população moradora de PA. Uma delas, localizada no centro da favela, encontrava-se bastante desorganizada na época da realização das oficinas, em razão de estar passando por uma grande reforma de suas instalações. A outra escola, de tamanho bem menor e construção mais compacta, situa-se em uma das bordas da favela.

Bibliografia

ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*, São Paulo: Scritta/Anpocs, 1994.

_____. "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil" *Revista Brasileira de Educação*, nº 5/6, p. 35, 1998.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), *Revista Brasileira de Educação*, número especial: "Juventude e Contemporaneidade", 1997.

BURATTO, A. L. O., Dantas, M.R., Souza, M.T.O.M., *A Direção do Olhar do Adolescente: focalizando a Escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CARDOSO, R. e Sampaio, H. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.

CHARLOT, B. "Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia". *Cadernos de Pesquisa*, n. 97, p. 47-63, maio, 1996.

COSTA, A. C. G. da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Belo Horizonte: Fundação Odebrecht/Modus Faciendi, 1996.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. "A importância da participação comunitária na questão da educação e

- da pobreza". *Textos FCC*, 09/1996.
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1985.
- JELIN, E. "Cidadania e alteridade: o reconhecimento da pluralidade". *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 24, 1996.
- MEC/SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais, Vol. 8: Apresentação dos Temas Transversais, Ética*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997
- SARTI, C. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 1996.
- SPOSATI, A. (Coord.). *Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo*. São Paulo: Educ, 1996.
- TELLES, V. S. "Sociedade civil, direitos e espaços públicos". *Pólis*, nº 14, 1994.
- TODOROV, T. *A Vida em comum: ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papyrus, 1995.
- ZALUAR, A., LEAL, C. *Pobreza e educação: entraves sistêmicos e culturais*. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 1995.

CENPEC
Rua Dante Carraro, 68 – Pinheiros
05422-060 – São Paulo – SP

info@cenpec.org.br
www.cenpec.org.br

LITTERIS
Rua Oscar Freire, 2298 Conj 03
05409-012 – São Paulo – SP

erangel@uol.com.br

